

UNIVERSIDADE DO SAGRADO CORAÇÃO

LUANA KAROLINA DA SILVA

**DEPRESSÃO PÓS-PARTO:
UM VIDEODOCUMENTÁRIO DE SUPERAÇÃO EM
FORMA DE AMOR**

BAURU
2017

LUANA KAROLINA DA SILVA

**DEPRESSÃO PÓS-PARTO:
UM VIDEODOCUMENTÁRIO DE SUPERAÇÃO EM
FORMA DE AMOR**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Centro de Ciências exatas e Sociais aplicadas da Universidade do Sagrado Coração, como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Jornalismo, sob orientação do Prof. Me. Vinicius Martins Carrasco de Oliveira.

BAURU
2017

5866v Silva, Luana Karolina da

Depressão pós-parto: um videodocumentário de superação em forma de amor / Luana Karolina da Silva.-- 2017.
81f. : il.

Orientador: Prof. M.e Vinicius M. Carrasco de Oliveira.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) -
Universidade do Sagrado Coração - Bauru - SP

1. Jornalismo. 2. Depressão pós-parto. 3. Documentário. 4.
Transmídia. 5. Sociedade. I. Carrasco, Vinicius. II. Título.

LUANA KAROLINA DA SILVA

**DEPRESSÃO PÓS-PARTO:
UM VIDEODOCUMENTÁRIO DE SUPERAÇÃO EM
FORMA DE AMOR**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Centro de Ciências exatas e Sociais aplicadas da Universidade do Sagrado Coração, como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Jornalismo, sob orientação do Prof. Me. Vinicius Martins Carrasco de Oliveira.

Bauru, 07 de novembro de 2017.

Banca examinadora:

Prof. Me Vinicius Martins Carrasco de Oliveira
Universidade do Sagrado Coração

Prof. Me. Mayra Fernanda Ferreira
Universidade do Sagrado Coração

Prof. Me Giselle Castilho Hilário
Jornal da Cidade - Bauru

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, que guia meus passos e ilumina minhas escolhas, e aos meus pais, que tanto lutaram por mim e confiaram em minha competência até o presente momento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus pela oportunidade de concluir o curso que tanto sonhei e por ter a chance de dar esse presente aos meus queridos pais.

Aos meus pais, agradeço pelo carinho e todo amor que eles construíram por mim. À minha mãe, pela perseverança e por tanto amar a nossa família. Ao meu pai por ser o alicerce de casa e sustentar-nos com teu amor, à minha família que esteve sempre presente em minha vida, apesar das dificuldades que enfrentamos ao longo da minha graduação.

À minha tia Marcia Cristina, que sempre me apoiou, independente das minhas escolhas, e sempre esteve comigo. Agradeço, principalmente, a Deus por sua vida.

À minha vó Sueli, que desde o início sempre me incentivou a persistir no que eu sempre sonhei ela é a luz da minha vida.

A família Menzen/Pezzini, agradeço também. Minha segunda família, que em toda essa caminhada também estive ao meu lado, sorrindo ou não.

A minha querida amiga e sogra Valeria Menzen, que colaborou comigo em vários trabalhos durante a vida acadêmica. Além disso, agradeço por todo aprendizado de vida com suas palavras.

Um amigo é um irmão que seu coração escolheu. Aos meus queridos amigos, que puderam enfrentar junto comigo o cansaço e a sobrecarga da faculdade, e acabaram se tornando meus irmãos. À Dayanne Borges, que embora não nos identificássemos no passado, hoje é mais do que parte da minha vida. Agradeço a Deus por isso. À Maria Eduarda, que mesmo com toda sua teimosia, sempre esteve presente em minha vida me apoiando e me ajudando. Agradeço a Deus por isso também. Em especial, à minha amiga Natalia Santos, que durante este período enfrentou complicações sérias, mas, graças a Deus, continua ao meu lado. À minha grande amiga e irmã Maysa Santos, que me ajudou em todo o processo da pesquisa, nas escolhas e correções de postura, como uma grande jornalista e com um ótimo olhar fotográfico, que levantaram meu produto final. Agradeço pela conectividade que temos. Ao meu companheiro de vida, estudos, debates e conflitos Gabriel Pezzini, que apesar de já ter encerrado suas atividades acadêmicas, e com toda sua paciência me ajudou em tudo que eu precisei para concluir esse trabalho, e por todo seu amor dedicado a mim todas as noites em claro. À minha amiga Bruna Sampaio, que eu sinto que deveria ter conhecido há muito tempo, e a nossa conexão vem de outras

vidas. À minha prima e amiga Nansi Borges, que sempre brigamos por motivos aleatórios, porém sempre estivemos juntas até aqui. Ao meu amigo, Guilherme Lima, que, sempre que preciso, consegue me socorrer, e sempre esteve junto comigo em todos os trabalhos.

E, para fechar com chave de ouro, literalmente, agradeço por ter conhecido um amigo tão querido e especial em uma fase tão boa, Amauri Duarte, que é a luz que mais brilha em minha vida.

Ao meu sobrinho, presente dado a mim por Deus, razão da minha vida, a qual sem ele eu não seria a mesma.

Aos meus professores, por todos os semestres dedicados. Ao meu orientador Vinicius Carrasco, que se prontificou em colaborar com a minha pesquisa e teve paciência em me explicar muitas vezes a mesma coisa.

A minha professora e coordenadora do curso, Mayra Ferreira, que junto comigo deu fruto à minha pesquisa, que tanto me identifiquei.

À minha professora Giselle Hilário, que tive a oportunidade de assistir as aulas durante o começo da minha graduação e a chance de aprender a me sentir como uma jornalista ao escrever. Logo eu, que não tinha essa apreciação por textos, com ela aprendi a gostar.

Agradeço as Mães e a todos os entrevistados que me ajudaram a desenvolver este produto.

Por fim, agradeço à Universidade do Sagrado Coração, que independente dos acasos, sempre esteve completa dos materiais que eu e meus amigos de classe precisamos.

“É um lindo dia para salvar vidas”

Derek Shepherd: Greys Anatomy

RESUMO

A presente pesquisa discute a falta de informação envolta do tabu que envolve a depressão pós-parto. Um produto jornalístico produzido originalmente, será utilizado para expandir o debate sobre essa temática, que para um percentual da população brasileira ainda é considerada “frescura”, servirá também de apoio para outras mães que enfrentam o problema atualmente. O produto trata-se de um videodocumentário, que traz a história de mães que já enfrentaram a depressão pós-parto e as dificuldades que enfrentaram sem apoio, ou a vitória a partir da compreensão de amigos e familiares. A metodologia aplicada foi entrevista em profundidade, para melhor conhecer os entrevistados, e, assim, tornando o documentário fiel as experiências vivenciadas pelas mães. A análise documental também foi utilizada com objetivo de elaborar um documento completo, desde a análise clínica até os relatos das pacientes. O levantamento bibliográfico teve como intuito trazer peso referencial de especialistas sobre assunto, desde o conteúdo jornalístico, até os artigos direcionados a saúde mental. Partindo do princípio jornalístico, a pesquisa pretende interagir e colaborar com as mães que atualmente enfrentem esse problema. Além disso, considerando a missão jornalística de informar sobre determinado assunto e por meio desse colaborar de alguma forma com o próximo, também é o desejo depositado há pesquisa.

Palavras-chave: Jornalismo. Documentário. Depressão pós-parto. Comunicar. Amadurecimento.

ABSTRACT

The present research discusses the lack of taboo information that involves postpartum depression. A journalistic product originally produced will be used to expand the debate on this theme, which for a percentage of the Brazilian population is still considered "freshness", will also serve as support for other mothers who are currently facing the problem. The product is a videocorder, which brings the story of mothers who have already faced postpartum depression and the difficulties they have faced without support, or victory from the understanding of friends and family. The applied methodology was an in-depth interview, to better know the interviewees, and, thus, making the documentary faithful the experiences lived by the mothers. The documentary analysis was also used to elaborate a complete document, from the clinical analysis to the reports of the patients. The bibliographical survey aimed to bring referential weight of experts on the subject, from the journalistic content, to the articles directed to mental health. Based on the journalistic principle, the research intends to interact and collaborate with the mothers who currently face this problem. In addition, considering the journalistic mission of informing about a certain subject and by collaborating in some way with the next, is also the desire deposited in research.

Keywords: Journalism. Documentary. Baby blues. To communicate. Ripening.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	10
2.	JORNALISMO.....	17
2.1.	CRITÉRIO DE NOTICIABILIDADE.....	20
2.2.	GÊNERO JORNALISTICO.....	20
2.2.1.	Jornalismo especializado.....	21
3.	VIDEODOCUMENTÁRIO.....	23
3.1.	ESTÉTICA E CARACTERÍSTICAS.....	24
3.1.1.	Importância.....	25
3.1.2.	Documentário multimídia.....	25
4.	DEPRESSÃO PÓS-PARTO.....	28
4.1.	ASPECTOS GERAIS.....	29
4.1.1.	Características.....	30
4.1.2.	Questões relacionadas.....	32
5.	O PRODUTO.....	33
5.1.	ESCOLHA DAS FONTES/PERSONAGENS.....	33
5.2.	PROCESSO DE PRODUÇÃO/ASPECTOS TÉCNICOS.....	34
5.3.	FORMATO.....	35
5.4.	TIPO.....	35
5.5.	PÚBLICO-ALVO.....	37
5.6.	PLATAFORMA OU MÍDIA.....	37
5.7.	A PÁGINA.....	39
5.8.	A CRÔNICA.....	41
6.	A PRODUÇÃO JORNALÍSTICA.....	43
6.1.	A PAUTA.....	43
6.2.	A CAPTAÇÃO.....	44
6.3.	AS ENTREVISTAS EM PROFUNDIDADE.....	45
6.4.	ELABORAÇÃO DO ROTEIRO DE PERGUNTAS.....	45
6.5.	A EDIÇÃO.....	49
6.6.	DIFICULDADES.....	50
7.	CONSIDERAÇÕES.....	51
	REFERÊNCIAS.....	54

1. INTRODUÇÃO

A busca incansável por informação e o desejo em interagir e comunicar: leitores, telespectadores, ouvintes ou internautas, faz parte do jornalismo. Além disso, existem quatro principais razões que fundamentam o jornalismo: informar, interpretar, orientar e entreter, porém, suas funções não são apenas essas, mas também a circulação de anúncios e a difusão da informação, afirma Fraser Bond. (1959).

Segundo Fraser Bond (1959), todos os acontecimentos do mundo que interessem ao público e os pensamentos, ações e ideias que esses acontecimentos estimulam, constroem o material básico para o profissional de jornalismo.

As definições sobre o jornalismo diferem de acordo com o ponto de vista de cada um. Leslie Stephens disse que “o jornalismo nada mais é que, escrever mediante remuneração, sobre assuntos em que não se é versado”. (apud Fraser Bond, 1962, p.1). A objetividade é o braço direito do jornalismo, segundo Clóvis Rossi (1980). Na época em que o jornalismo se tornou a grande arma inofensiva de comunicação, a objetividade foi empregada pela maior parte da imprensa brasileira.

Em tese salvo, é óbvio, nos jornais de cunho ideológico ou partidário a imprensa, de acordo com o mito da objetividade, deveria colocar-se numa posição neutra e publicar tudo o que ocorresse, deixando ao leitor a tarefa de tirar suas próprias conclusões. (ROSSI, 1980. p.09).

Concluindo o pensamento de Clóvis Rossi (1980), a objetividade continua sendo um dos principais parâmetros da linha editorial dos principais veículos de comunicação do Brasil.

Sendo assim, em um país globalizado, que dispõe do desenvolvimento de novas tecnologias, é importante a participação intensa dos profissionais de comunicação e jornalismo em assuntos pertinentes à saúde da população. Ainda que a parcela de seres humanos interessados no assunto seja mínima, a relevância do tema o classifica como prioridade de debate informativo.

O produto escolhido para o aumentar a visibilidade da Depressão Pós-parto, objeto desse estudo, foi o documentário audiovisual, e, de acordo com

Ramos (2001), a definição do campo documentário costuma trazer, em seu âmago, a questão da reflexividade do discurso cinematográfico.

Ainda seguindo a linha de pensamento de Ramos (2001), assumir um campo ao documentário, é como assumir uma representação objetiva, transparente. Para isso, o raciocínio desenvolve-se na seguinte linha:

1. Parte-se do postulado de que, para alguns, o documentário busca, ou tem como objetivo, estabelecer uma representação do mundo;
2. Na medida em que o postulado está estabelecido (“eu posso representar o mundo”, diria o documentarista), a ideologia dominante hoje sobrepõe facilmente a esta possibilidade o seu caráter especular e falsamente totalizante;
3. A isto segue-se o discurso sobre a necessária fragmentação do saber e da subjetividade que sustenta a representação;
4. (...) em outras palavras: é ético mostrar o processo de representação; não é ético construir a representação para sustentar opinião correta.

Este gênero jornalístico que possui a missão de representar o real através de uma construção não ficcional, poderá esclarecer ideias sobrepostas por um grupo de indivíduos que não são favorecidos de assuntos sobre a temática que envolve essa pesquisa.

A pesquisa tem como objetivo geral, aumentar a visibilidade da Depressão Pós-parto e apresentar seu real peso social. Além disso, como objetivo específico, almeja-se compreender os processos de produção de um documentário. Colaborar com outras mães que atualmente enfrentam a Depressão Pós-parto para que se apoiem ao produto produzido e através dele encontrem as saídas necessárias. Desmistificar os preconceitos estabelecidos por um determinado grupo a respeito da Depressão Pós-parto, que a determina como frescura. E ainda testar todos os conhecimentos adquiridos em jornalismo durante a graduação.

Como forma de responder à pergunta, “Tendo em vista o grau de periculosidade para a manifestação dessa doença mental e suas consequências, porque ainda é considerada frescura?”, o produto foi baseado em análises clínicas e histórias de quem já enfrentou a Depressão Pós-parto,

trazendo as sentimentalidades e particularidades de cada entrevistada, poderá se retratar por si próprio, uma vez que o envolvimento das entrevistadas é nítido e os resultados se justificam nas afirmações médicas. As entrevistas com psiquiatras, psicólogos e ginecologistas têm como objetivo trazer o impacto das questões médicas sobre o conhecimento vago de um percentual da sociedade Brasileira e as histórias das mães tem como objetivo destacar o que acontece quando alguém desenvolve a Depressão Pós-parto, até onde ela pode chegar, e o quanto isso pode impactá-la.

A plataforma de inserção do produto será o YouTube, e o compartilhamento em redes sociais favorecerá a interação com o público-alvo, por isso uma página do Facebook foi elaborada em busca desse objetivo. De acordo com Burgess e Green (2009), quer você o ame, quer você o odeie, o YouTube agora faz parte do cenário da mídia de massa e é uma força a ser levada em consideração no contexto da cultura popular contemporânea.

Em novembro de 2007, ele já era o site de entretenimento mais popular do Reino Unido, com o site da BBC ficando em segundo.³ No começo de 2008, de acordo com vários serviços de medição de tráfego da web, já figurava de maneira consistente entre os dez sites mais visitados do mundo (BURGESS; GREEN. 2009.p.12).

O YouTube está envolvido no mundo dos vídeos, seu negócio é a disponibilização de uma plataforma conveniente e funcional para o compartilhamento de vídeos on-line, a plataforma atende um grande número de visitantes e uma gama de diferentes audiências, ele oferece aos seus participantes um meio de conseguir uma ampla exposição. (BURGESS; GREEN. 2009).

A Depressão Pós-parto, é um assunto que embora aconteça com mais frequência do que se imagina, ainda envolve um tabu construído há muitos anos, a ideia de “Frescura Pós-parto”. Esse preconceito é estabelecido por falta de informação. Segundo Theme (2016) uma em cada quatro brasileiras têm Depressão Pós-Parto, do sexto ao décimo oitavo mês após o nascimento do bebê, ou seja, 25% das brasileiras apresentam este distúrbio, índice que segundo o estudo, é maior do que a prevalência da Organização Mundial da Saúde para países de baixa renda, estimada em 19,8%. Observando as datas de publicações sobre esse tema, fica claro que as últimas tentativas de

abordagem desse tema na mídia, tem no mínimo dois anos, incluindo o sistema de saúde Brasileiro, o que concretiza a falta de informação sobre o assunto.

Embora aos tratamentos para a Depressão Pós-parto existam, muitas mães ainda reclamam de sua potencialidade. O sistema de saúde pública SUS, é apontado como problema principal neste aspecto pois, há uma falha nesses tratamentos que incluem a Depressão Pós-parto, as doenças consideradas mais leves, perdem seu espaço para tratamento principalmente em rede pública. Segundo o portal da Câmara dos deputados a meta é conseguir atendimento na rede pública para pacientes com transtornos considerados mais leves, como a depressão. “De acordo com o deputado Marcus Pestana (PSDB-MG), que foi secretário de Saúde de Minas Gerais, de 2003 a 2010, nas camadas mais pobres o chamado transtorno leve “é uma epidemia que atinge quase 20% da população”, e o Sistema Único de Saúde (SUS) está “totalmente desguarnecido” para tratar do problema”. (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2011).,

Com base nisso, a justificativa ressalta a importância em aumentar a visibilidade de um assunto como este. E além disso, a breve abordagem dessa temática nas mídias televisivas é um grande motivo para que o assunto seja promissor e cause debate entre as pessoas, a fim de que entendam do que se trata a Depressão Pós-parto.

A metodologia da pesquisa foi dividida em etapas. Primeiro, em busca de contextualização, foi realizado um levantamento bibliográfico de assuntos pertinentes ao tema pesquisado em questão, isto é, analisando materiais de outros autores já publicados, com o objetivo de aproximar o pesquisador à temática do assunto. (LAKATOS; MARKONI, 1995 apud STUMPF, 2010, p.54).

A pesquisa bibliográfica, segundo Lakatos; Markoni (1995), é indicada para identificar, selecionar, localizar e obter documentos de interesse para a realização de pesquisa. (DUARTE, 2010).

A fim de complementar este estudo, será realizada também a análise documental. Segundo Richardson (2008, p.228), os documentos escritos e publicados são fontes que podem fornecer informações referentes a fenômenos sociais com valor documental, através de meios comunicacionais como, jornais, revistas, catálogos, gravações digitais de áudio e imagem, entre outros.

De modo geral, a análise documental nada mais é do que uma série de apurações para estudar e analisar um ou vários documentos, a fim de descobrir as circunstâncias sociais e econômicas com as quais podem estar relacionados.

Além disso, a análise documental é essencialmente temática, trabalha sobre os documentos e seu objetivo principal é a determinação fiel dos fenômenos sociais. (RICHARDSON, 2008, p.230).

No caso da pesquisa científica, é, ao mesmo tempo, método e técnica. Método porque pressupõe o ângulo escolhido como base de uma investigação. Técnica porque é um recurso que complementa outras formas de obtenção de dados, como a entrevista e o questionário”.

Outro método de coleta de informações será a técnica de entrevista em profundidade. Segundo Duarte (2010), trata-se de uma abordagem qualitativa, com o foco em explorar determinado assunto.

Maisonneuve e Margot-Duclot afirmam que existem três tipos de entrevista baseados em alguns critérios, como o grau de liberdade permitido pela técnica e o nível de aprofundamento que se desejam nas informações. Os modelos de entrevistas são entrevista dirigida, guiada e não diretiva.

Nesta pesquisa, a técnica realizada será a entrevista dirigida, que se trata do desenvolvimento de perguntas precisas, pré-formuladas e com ordem estabelecida. (MAISONNEUVE E DUCLOT apud RICHARDSON, 2008, p.209)

A entrevista é uma técnica importante que permite o desenvolvimento de uma estreita relação entre as pessoas. É um modo de comunicação no qual determina informação é transmitida de uma pessoa A a uma pessoa B. (RICHARDSON, 2008, p.207).

Os indivíduos que serviram como fonte para a pesquisa foram as mães que enfrentaram a Depressão Pós-Parto e já estão abertas a dividir essa problemática através da entrevista de forma jornalística.

A entrevista em profundidade tornou-se a técnica clássica de obtenção de informações nas ciências sociais, além disso, a entrevista em profundidade é um recurso metodológico que, com base em teorias e pressupostos definidos pelo entrevistador, recolher respostas, a partir da busca de informações, experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada.

Seguindo a linha de pensamento de Duarte (2010), o uso de entrevistas permite identificar as diferentes maneiras de perceber e descrever os fenômenos, a entrevista está presente em diversos tipos de pesquisas, e entre elas o processo jornalístico (apud PEREIRA JR., 2000), é utilizada com base ou conjugada com diferentes técnicas, como observação, discussão em grupo e análise documental. A entrevista e seu real objetivo está ligada ao fornecimento de elementos para compreender uma situação ou estruturar um problema. Por exemplo, por meio da entrevista em profundidade é possível entender como produtos de comunicação estão sendo percebidos por funcionários, explicar a produção da notícia em um veículo de comunicação. (DUARTE, 2010).

Com relação aos capítulos, o segundo refere-se à história do jornalismo, uma breve lembrança de sua transição para o que atualmente se funda como jornalismo no século XXI. E além disso, traz também conteúdo sobre critérios de noticiabilidade e gênero jornalístico, para que assim possa afunilar a pesquisa, chegando ao resultado esperado.

No terceiro capítulo, é descrito o que é o videodocumentário, suas extensões, estética e importância para com o tema escolhido para pesquisa.

Em seguida, o quarto capítulo, traz a parte clínica da Depressão Pós-parto e são descritos, de forma explicativa, seus aspectos gerais, características e assuntos envolvidos à temática, a respeito da melancolia. Além disso, questões relacionadas à Depressão Pós-parto, como o tabu que constrói a crença de que essa doença é, na verdade, uma frescura, e a questão econômica sobre o assunto, são temas também debatidos neste capítulo.

No capítulo cinco, primeiramente, são descritas as fontes utilizadas para o acréscimo de informações ao produto, em seguida o processo de produção e os aspectos técnicos. Na sequência, o formato traz a descrição de um produto que traz a representação de um problema social, proporcionando novas visões sobre o mundo. Próximo ao final do capítulo, é argumentado o tipo do documentário desenvolvido, público-alvo, plataforma ou mídia inserida para maior alcance. Considerando que as plataformas e mídias escolhidas são YouTube e Facebook, o próximo tópico aborda questões sobre a página desenvolvida para a postagem do produto. Outro componente do mesmo é a

crônica, inspirada na história de uma personagem que preferiu manter sua identidade preservada.

O sexto capítulo aborda questões de produção jornalística como, por exemplo, a captação de imagens, trabalhos técnicos, pauta e edição, todos os componentes de uma produção informativa.

O sétimo e último capítulo traz os resultados da pesquisa, que foram captados durante todo o processo anterior.

Assim, espera-se que, além de exercitar o processo de produção jornalística, os resultados obtidos sejam importantes e esclarecedores para quem enfrenta essa problemática, e dessa forma colaborar de alguma forma por meio do jornalismo.

2. JORNALISMO

O jornalismo é a atividade cujo objetivo principal é informar, através de veículos de comunicação como televisão, rádio impresso e web.

A expansão do jornalismo começou com o desenvolvimento da imprensa, porém ganhou forças com a inserção dos novos meios de comunicação, como o rádio e a tv. (TRAQUINA, 2005)

Conforme os anos se passaram, o jornalismo enfrentou a necessidade de evoluir com o mundo, e assim os meios de comunicação precisaram se adaptar à nova era da comunicação. E de acordo com o portal politize (2017), outro grande marco para a história do jornalismo foi a conquista pela liberdade de imprensa, uma vez que o jornalismo em seu início, sofreu muito nas mãos do governo, e segundo Pena (2010), por esse motivo, foram concedidos alguns direitos ao jornalismo, como a liberdade de imprensa, na constituição americana e no Brasil, conforme expresso pelo juiz Luis Gustavo Grandinetti, o conceito refere-se a direito de informação e liberdade de expressão.

Nessa mesma época, os jornais desejavam afastar a influência política sobre as notícias e se integraram a panfletos partidários, e, assim, consolidando processos importantes, um deles o jornalismo voltado para o lucro das empresas midiáticas, o famoso jornalismo comercial, a luta pela liberdade de expressão e contra a censura de um poder político levou tempo para o jornalismo. Segundo Traquina (2005), por muito tempo os jornais foram utilizados como armas na luta política, embora ainda houvesse pessoas que, por exemplo, fizeram negócios com a venda de jornais.

De acordo com Traquina (2005), alguns manuais sobre jornalismo define as notícias, em última análise, como tudo o que é importante e/ou interessante, e qualquer profissional da área responderia facilmente que jornalismo é a realidade.

A evolução tecnológica contribuiu para que o jornalismo evoluísse suas maneiras de informar. A prensa de Gutenberg, em 1440, tornou o jornalismo impresso possível. Logo depois, o rádio que trouxe sentido ao jornalismo, junto a ele a propagação de ondas, capazes de reproduzir sons, mas, sem dúvida nenhuma, foi com a televisão que tudo se ampliou e mais tarde o meio digital tentou se integrar aos meios comunicacionais. (TRAVASSOS, 2008).

Segundo Bond (1959), o Jornalismo significa hoje, as diferentes formas de a notícia chegar até o público. Qualquer assunto de acontecimento mundial que traga interesse ao público e que de alguma forma contribua para a sociedade, fazem parte do material básico para o jornalista.

Em algumas situações, o jornalismo é interpretado como comércio de informações, a troca de informações em busca apenas de lucratividade. Segundo Bond (1959), embora para algumas pessoas não passe de um comércio; para outros revela-se como uma responsabilidade e um privilégio.

Durante o século XIX, foi quando o jornalismo se expandiu tornando-se um negócio com fins lucrativos, conquistando, assim, sua independência econômica, banindo a ajuda rentável do governo político. (TRAQUINA, 2001).

Além disso, a imprensa conquistou o seu espaço no mundo. O jornalismo teve suas raízes no século XIX, e foi durante esse mesmo século que os *mass media* se desenvolveram. A expansão dos jornais permitiu a criação de novos empregos, e um grande número de pessoas em busca do mesmo objetivo, fornecer informação e não propaganda. (TRAQUINA, 2005).

A partir disso, e, de acordo com estudos feitos por Silva [Entre 2007 e 2017], pode-se dizer que o jornalismo pode ser definido como um conjunto de técnicas, saber e ética, sempre baseado no imediatismo e depende intimamente dos acontecimentos sociais.

Com base nesse pensamento, o jornalismo não seria jornalismo se não viesse acompanhado de métodos, assim como qualquer trabalho. De acordo com os deveres do jornalismo, citados por Bond (1959), a imprensa deve ser, independente, imparcial, exata, honesta, decente.

A expansão da imprensa estava totalmente ligada a liberdade, e ficou conhecida como um meio de denunciar as mazela e injustiças sociais (SILVA; Rodrigo ([Entre 2007 e 2017])). Além disso, o jornalismo passou a se tornar aliado da democracia e a partir de então ficou considerado como o Quarto Poder. (SODRÉ, 1999, p.2 apud PENA).

Segundo Netto (2013), em meados do século 19, o Quarto Poder surgiu em meio a uma sociedade democrática como forma de recurso, um órgão responsável por fiscalizar os outros três poderes originais, Legislativo, Executivo e Judiciário, e este poder representado pela imprensa teria como obrigação denunciar violações dos direitos nos regimes democráticos sendo

“voz dos sem vozes”, como foi reconhecido por muito tempo, e fazendo da mídia os “olhos e ouvidos” da humanidade.

Segundo Traquina (2005), o novo jornalismo vem acompanhado de uma teoria democrática que traz como prioridade, 1) com a liberdade “negativa”, vigiar o poder político e proteger os cidadãos de eventuais abusos dos governantes, 2) com a liberdade “positiva”, fornecer aos cidadãos as informações necessárias para o desempenho das suas responsabilidades cívicas.

Ainda de acordo com Traquina (2005), houve um tempo em que a seguinte questão “Por que as notícias são como são?”, foi objeto de estudo sobre o jornalismo, e, em consequência disso, existem hoje várias teorias que tentam entender de quais princípios a atividade jornalística era desenvolvida e como eram produzidas.

A teoria que se aplica a pesquisa é a do *Newsmaking*, a notícia é como é, pois é a construção da realidade, e além disso, o processo de produção é planejado como uma rotina. De acordo com Pena (2010), a teoria é construtivista e isso quer dizer que o método construtivista enfatiza o método convencional das notícias, admitindo que elas informam e têm referência na realidade. “Entretanto, também ajudam a construir essa mesma realidade, e possui uma lógica interna de constituição que influencia todo processo de construção”. (PENA, 2010, p.129).

Segundo a socióloga Gaye Tuchman (apud PENA, 2010 p.129), os órgãos de informação devem cumprir três obrigações para produzir um noticiário:

- Tornar possível o reconhecimento de um fato desconhecido como acontecimento notável;
- Elaborar formas de relatar os acontecimentos que não tenham a pretensão de dar a cada fato ocorrido um tratamento peculiar;
- Organizar, temporal e especialmente, o trabalho de modo que os acontecimentos noticiáveis possam afluir a ser trabalhados de uma forma planificada.

Em outras palavras, o processo de produção da notícia é planejado como uma rotina industrial, com procedimentos próprios e limites organizacionais. “Portanto, embora o jornalista seja participante ativo na

construção da realidade, não há uma autonomia incondicional em sua prática profissional, mas sim uma submissão a um planejamento produtivo”. (PENA, 2010, p.129).

2.1. CRITÉRIO DE NOTICIABILIDADE

De acordo com uma pesquisa realizada por Rossignolli, Assêncio, Cardenonsi (2013), Nelson Tranquina é um dos principais estudiosos brasileiro de comunicação que analisa cada fato para que se tornem notícia. (ROSSIGNOLLI; ASSÊNCIO; CARDENONSI. 2013). A partir disso fica claro que, os critérios de noticiabilidade foram desenvolvidos para que assim funcionassem como um filtro, para primeiro selecionar as notícias de acordo com a sua relevância para a sociedade. Os critérios de noticiabilidade a seguir foram baseados em Traquina (2005), dentre eles, Morte, Notoriedade, Proximidade, Relevância, Tempo, Novidade, Notabilidade, Conflito.

2.2. GÊNERO JORNALISTICO

Os gêneros jornalísticos servem para orientar os leitores, o que permite verificar a forma e os conteúdos do mesmo, servem também como um diálogo entre o jornal e o leitor. (MEDINA, 2001)

Sendo assim, os gêneros que determinam o estilo do jornal, e o seu real interesse, seja de informar, opinar, interpretar ou divertir. Uma vez que o jornalismo é dividido em quatro gêneros jornalísticos, informativo, opinativo, interpretativo e entretenimento. Ainda de acordo com Medina (2001), “Essa divisão serve para identificarmos como os fatos jornalísticos são processados”.

De acordo com Pena (2010), ao longo do tempo, a maioria dos autores seguiu essa separação para orientar os estudos dos gêneros jornalísticos, tomando como critério a separação entre forma e conteúdo, o que gerou a divisão por temas e pela própria relação do texto com a realidade (opinião x informação), contribuindo para a classificação.

O gênero, portanto, possui uma natureza social, exterior ao texto, à concretude das palavras. É o que percebemos quando analisamos a vasta literatura a respeito do termo gênero, o qual sempre possui um aspecto social e histórico, que pretendemos ressaltar e assumir neste trabalho, haja vista a importância dos gêneros jornalísticos na sociedade. (SILVA, POLLYANNA. 2011. p. 03).

Há jornalistas que utilizam mais de um gênero jornalístico em seu texto, porém ainda é possível discernir de qual gênero se trata a informação. Os gêneros são determinados conforme a produção dos meios de comunicação e as manifestações culturais de uma sociedade, onde a empresa jornalística está inserida. (MEDINA, 2001).

Os gêneros são decorrentes das necessidades do processo de organização dos jornais, e além disso a exigência dos leitores tem um peso dobrado com relação ao conteúdo. (MEDINA, 2001).

O tempo deu ao jornalismo a chance de mudança. Segundo Silva (2012), o jornalismo passou a incorporar novos gêneros, como, notas, reportagens, entrevistas e crônicas. Dessa forma abriram espaço para a segmentação de produtos e o surgimento de editorias especializadas. (apud. LUCA, 2008, p.5).

2.2.1. Jornalismo especializado

A escolha democrática pelo que se quer ler, de certa forma parte da sociedade da informação em que vivemos hoje, porém, o fato é que o fluxo de informações que temos nos dias atuais são maiores, e a ideia de segmentação jornalística promete o aprofundamento de temas específicos, com o objetivo de absorver o maior número de informações possíveis, segundo Abyhai, ([Entre 2000 e 2016]).

Sendo assim, o leitor poderá, além de selecionar o que gosta de ler, ficar inteiramente por dentro do assunto, uma vez que a segmentação irá satisfazer sua busca pela informação específica. Além disso, a especialização jornalística também contribui para delinear o atual nível em que se encontra a profissão, e o jornalista acaba ficando identificado pelo assunto. (ABYHAI, ANA; Entre 2000 e 2016).

Um exemplo é a apresentadora do programa Jogo Aberto, transmitido pela emissora Band, a jornalista Renata Fan, que construiu sua carreira no esporte, e assim ficou conhecida.

Numa temática tão extensa quanto esporte, encontraremos inúmeras publicações. Esta é uma matéria que sempre alcança espaços generosos na mídia. Podemos até considerar que o noticiário esportivo da tevê é uma das primeiras experiências

de jornalismo especializado. (ABYHAI, [Entre 2000 e 2016], p.19).

Tendo em vista que o jornalismo trabalha com clareza e objetividade, é importante ressaltar a importância que a formação profissional tem em informar de maneira aprofundada assuntos específicos, o que contrapõe a ideia de trabalhar com a profissionalização baseada em conhecimentos gerais. “O jornalista necessita, portanto, de uma preparação que contemple a especialização no mercado jornalístico” (ABYHAY, [Entre 2000 e 2016]).

De acordo com Erbolato (1981), equipes de homens e mulheres trabalhavam em instituições oficiais de todo o mundo, com a intenção de descobrir melhorias de vida ou que facilitem o progresso e o desenvolvimento.

Dessa forma, é o jornalismo que primeiro dá a conhecer a possibilidade para o controle de determinada doença ou que um dispositivo capaz de economizar gasolina foi inventado ou ainda que novas técnicas permitem conservar os alimentos por mais tempo. Levar a descoberta ao conhecimento dos leitores, de forma acessível, correta e sem desvio da verdade, deixando inclusive de dar esperanças vãs em caso de provável cura de determinadas doenças ainda consideradas fatais, é a missão do jornalismo científico. (ERBOLATO, 1981, p.41).

Com base nisso, é possível concluir que uma pesquisa pode trazer alguma descoberta ou ajuda para o leitor, desde que traga acontecimentos, como a presente pesquisa, ou algo que ainda acontecerá, porém que explique cientificamente as razões do fenômeno apontado. “A informação científica, não há dúvida, está intimamente ligada ao jornalismo geral” (ERBOLATO, 1981. P.42).

Ainda de acordo com Erbolato (1981), sempre há alguém especializado que tem algo a informar cientificamente à imprensa. Um exemplo para a presente pesquisa é o psicólogo/psiquiatra, que falará sobre os estudos feitos a partir de fenômenos manifestados da Depressão Pós-parto e as descobertas científicas que geraram resultados e que hoje contribuirão para a atual pesquisa, e, além disso, auxiliam como é o controle de atividades comportamentais que podem atingir melhores níveis de comportamento social.

3. VIDEODOCUMENTÁRIO

A história do documentário brasileiro inicia-se com cinema clássico e as imagens em movimento. Segundo Amir Labaki (2006), o documentário atravessa com rara regularidade a história do cinema no Brasil, e além disso o gênero é a locomotiva estética que tem desbravado caminhos. E, de acordo com Gustavo Soranz Gonçalves (2006), conforme os anos passaram e o gênero conquistava espaço no meio cinematográfico, cada vez mais os temas ganhavam cunho jornalístico, por exemplo, quando as câmeras cinematográficas foram incorporadas ao material de trabalho de antropólogos que viajam por todo País, resolveram registrar e documentar a população indígena. Em 1936, o governo deu força para o documentário, incentivando a educação a estudar o gênero. Criou o Instituto Nacional do Cinema Educativo, fruto do esforço do antropólogo Roquette-Pinto, o objetivo do instituto era mostrar uma imagem positiva do Brasil, a fim de expandir o conhecimento das classes intelectuais as mais desfavorecidas. (GONÇALVES, GUSTAVO; 2006)

Ainda de acordo com Gustavo Soranz Gonçalves (2006), órgãos como DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) também se destacaram na produção de videodocumentários, apesar do comprometimento com a visão oficial do governo.

Devido à falta de infraestruturas nas cidades brasileiras, durante as décadas de 10 e 20, predominou a produção de um cinema natural, com a produção de documentários e cinejornais a fim de levantar recursos para a produção de filmes ficcionais. (GONÇALVES, 2006, p.80).

Com o envolvimento de departamentos como o DIP e outros que trazem temas relevantes para o país, o documentário foi criando mais laços com o jornalismo. Segundo Gonçalves (2006), o moderno documentário surgido nos anos 60, abre espaço para uma temática que busca refletir o subdesenvolvimento do país e a desigualdade social. Uma vez que “O desenvolvimento atual da *communication research* e que é a convergência de interesses em torno do tema da informação” (WOLF, 1999).

Uma diferença marcante entre o documentário e o cinema de ficção é aquele não poder ser escrito ou planejado de modo equivalente a este último; o percurso para a produção do

documentário supõe uma liberdade que dificilmente se encontra em qualquer outro gênero. Um documentário é construído ao longo do processo de sua produção. Mesmo existindo um roteiro, o formato final somente se define com as filmagens, a edição e a montagem. (MELO,2002, p.26).

De acordo com Tabaki (2006), funda-se, no Brasil, a primeira geração de críticos e acadêmicos voltados para a cultura documental, em 2004-2005, dez volumes dedicados a documentários começaram a estabelecer uma bibliografia nacional sobre o gênero.

Seguindo ainda a mesma linha de pensamento, Tabaki (2006), comenta que o documentário Brasileiro existe economicamente hoje graças aos favores do Estado e ao voluntarismo de seus produtores.

3.1. ESTÉTICA E CARACTERÍSTICAS

Além disso, o gênero é dividido em dois modelos, o clássico e o moderno. O clássico começou a ser utilizado no século 20. As definições de documentário clássico, feitas pela jornalista Luciana d'Anunciação, são "imagens rigorosamente compostas, fusões de música e ruídos, montagem rítmica e comentário em voz *off* despersonalizada". Já o modelo moderno começou a ser utilizado na década de 1960 por documentaristas, com o objetivo de despertar o senso crítico e permitir interações variadas de acordo com a realidade de cada um. O gênero evolui no decorrer dos anos de 1920 até aproximadamente os anos de 1980. E além disso suas modalidades de representação ganharam vida evoluindo também, e os modos são: expositivo, observatório, interativo e reflexivo. (ZANDONADE; FAGUNDES, 2003. p .17).

O videodocumentário trata-se de um gênero audiovisual utilizado como forma de expressão, e segundo Zandonade e Fagundes (2003), o produto é um grande aliado da televisão, e possui o mesmo poder de persuasão.

Alguns fatores presentes no documentário facilitam a compreensão dos espectadores, como a linguagem mais aprofundada e o maior tempo disponibilizado para a sua produção e exibição. (ZANDONADE; FAGUNDES, 2003)

A linguagem mais aprofundada, deixa claro e explícito o que o videodocumentário pretende transmitir. Ainda de acordo com Zandonade e

Fagundes (2003), através do documentário é possível desenvolver o senso crítico de uma determinada comunidade a respeito do conteúdo pautado.

Ao contrário da reportagem, o documentário não tem necessidade de ser objetivo. As características do gênero são: seu caráter autoral, o uso de documentos como registro, a não obrigatoriedade da presença de um narrador, a ampla utilização de montagens ficcionais e uma veiculação praticamente limitada aos canais de TV educativos ou por assinatura. (MELO; GOMES; MORAIS. 2001).

3.1.1. Importância

O peso da importância do documentário para o jornalismo, parte do objetivo principal do gênero, retratar o real, seja de forma a impulsionar uma sociedade com o intuito de gerar debates, e até mesmo de expandir a ideia de algo artístico/cultural. De acordo com França (2010), escritores do gênero, muito bem-sucedidos, mostram em seus trabalhos o quanto o documentário pode dar suas próprias respostas estéticas ao projeto, muitas vezes dimensionando o sensorial, e plasticamente os objetos racionalistas e a curiosidade científica. (FRANÇA, Andréa. 2010).

O documentário nada mais é do que a representação do mundo por meio de imagens e sons. (RAMOS, Fernão apud PUCCINI, Sérgio. 2009. P.11). De acordo com Melo (2002), assim como em outros discursos sobre o real, o documentário pretende descrever e interpretar o mundo da experiência coletiva. Afirma também Carvalho (2006), que o documentário é o formato de produção audiovisual que lida com a verdade, aborda um tema ou assunto em profundidade. Para escolha do tema é importante saber seu peso social e importância, sendo assim o documentário pode apresentar diferentes histórias, as do cotidiano ou até as mais corriqueiras, porém todos trazem valores relevantes, e que gere debates e acrescentem algo benéfico para sociedade.

3.1.2. Documentário multimídia

O termo multimídia, muito utilizado na linguagem atual, é aplicado ao gênero debatido em questão. Segundo Fluckinger (1995), multimídia é o campo interessado na integração controlada por computadores de textos, gráficos,

imagens, vídeos, animações, sons e qualquer outro meio onde todo tipo de informação pode ser representado, armazenado, transmitido, e processado digitalmente. (FLUCKINGER apud WILLRICH. 2000. P.9).

Atualmente no século XXI vivemos uma nova revolução no jornalismo devido a Era da Informação e do Conhecimento, que exige uma série de novas transformações e adaptações dos antigos meios de comunicação ao mesmo tempo em que abre novas perspectivas como o jornalismo on-line. (SILVA, 2012).

Portanto, o jornalismo digital partiu de uma ideia em que traria a essência do jornalismo impresso, porém com o aspecto multimídia. Todas as funcionalidades permanecem, a segmentação das notícias, a utilização de cadernos com conteúdo específico, capa, *homepage*, primeira página, e entre outros aspectos do jornal impresso. (NETO, 2007).

De acordo com Pena (2010), o jornalismo digital, pode ser precariamente definido como a disponibilização de informações jornalísticas em ambiente virtual, organizadas de forma hipertextual com potencial multimidiático e interativo.

Segundo Canavilhas (2013), no jornalismo essa multimodalidade pode ocorrer por redundância ou integração. No caso de redundância, trata-se de apresentar o mesmo conteúdo em diferentes formatos, enquanto na integração existir uma complementaridade entre os conteúdos, funcionando como um todo coerente.

Na segunda metade da década de 1990, houve o famoso boom da internet e muitos jornalistas migraram para a nova mídia, alguns com salários bem acima do mercado. (PENA, p.177).

O crescimento do ambiente virtual modificou vários aspectos da vida humana. Segundo Pena (2010), o jornalismo, influenciou todos os tipos de veículo, em todas as fases de produção e recepção da notícia. De acordo com Willrich (2000), a motivação da utilização de meios multimídias é o aumento da transferência de informações, isso por causa da utilização de um ou mais sentidos de usuários.

“Portais, *websites* e *blogs* descentralizam a informação” (PENA, 2010 p.177), são plataformas acessadas o tempo todo por milhões de pessoas, e são esses canais de notícias que segundo, Pena (2010), vêm formando o que os medalhões do jornalismo americano chamam pejorativamente de jornalistas

de pijama. O que foi estudado é que grande quantidade de blogs inviabilizam a verificação de informações, o que os torna pouco confiáveis. (PENA, 2010 p.177).

“Considera-se que o jornalismo transmídia pode ser a melhor forma de ilustrar o conceito de notícia como forma de cultura”. (CANAVILHAS, 2013). Ainda seguindo a linha de pensamento de Canavilhas (2013), quando determinados assuntos são lançados em plataformas públicas, as mídias promovem interação social, debates em torno de assuntos relevantes para a sociedade, sendo assim a interatividade torna-se a principal característica do jornalismo transmídia. A contextualização é uma característica indispensável para narrativa transmídia, para que o leitor possa compreender bem os acontecimentos. (CANAVILHAS, 2013).

A partir disso, é possível observar que ao se preparar um produto transmídia para o jornalismo, implica em desenvolver conteúdo com profundidade.

Com a evolução dos tempos, os meios de comunicação foram obrigados a se adaptar a essas novas estruturas, e para sustentar esse pensamento, Jenkins (2009), diz que “à medida que passam por transformações, as empresas midiáticas não estão se comportando de forma monolítica; com frequência, setores diferentes da mesma empresa estão procurando estratégias radicalmente diferentes, refletindo a incerteza a respeito de como proceder”. De acordo com Jenkins (2009), os empresários de empresas midiáticas precisam se reestabelecer e se adaptar ao novo meio virtual:

Por um lado, a convergência representa uma oportunidade de expansão aos conglomerados das mídias, já que o conteúdo bem-sucedido num setor pode se espalhar por outros suportes. Por outro lado, a convergência representa um risco, já que a maioria dessas empresas teme uma fragmentação ou uma erosão em seus mercados. (JENKINS, 2009. P.40).

O mundo convergente tem seus benefícios e seus malefícios, não é apenas uma ameaça para o mercado impresso, radiofônico e televisado, mas também é preciso saber onde procurar por informações. A internet disponibiliza milhares de informações o tempo todo, causando muitas vezes confusão na recepção das informações.

4. DEPRESSÃO PÓS-PARTO

Segundo o portal informativo da USP, os estudos e percepções mentais sofreram alterações durante o século. Se resgatarmos os pré-conceitos dos tempos bíblicos, em que a loucura e melancolia estavam ligados a superstições, tudo era comparado à loucura. Segundo a igreja católica, a loucura e a melancolia se associam a possessões demoníacas, o que influencia a sociedade a pensar que a Depressão Pós-parto não é doença, e sim “frescura”. Hipócrates foi considerado o pai da Medicina, criou a teoria humoral, segundo a qual a vida é o equilíbrio entre quatro humores: bile, fleuma, sanguíneos e melancólico.

A necessidade de uniformizar e principalmente adequar os tratamentos necessários para doenças mentais, deu origem ao primeiro Manual de Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais (DSM), em 1952, elaborado pela Associação Americana de Psiquiatria. (Santos, C. 2017).

E durante a gravidez a mulher enfrenta uma série de mudanças, dentre elas: hormonais, físicas e psicológicas, e, após o parto o organismo passa por mais modificações. Segundo Glória Marreiros (1988), no campo psicológico a mulher é agredida, pelo fato de ser desapossada daquilo que gerou e até então guardou como se de um órgão seu se tratasse, desencadeando a depressão pós-parto.

O período de início pode também não ser especificado ou variar de dias a 6 meses ou um ano pós-parto. Existe também confusão com a muito mais comum “baby blues” (tristeza puerperal), ocorrendo em até 60% a 70% das mães americanas recentes, esse quadro clínico inclui labilidade emocional com choro inexplicável, tristeza e sentimentos de inadequação. (BARRON e LINDHEIMER, 1993. p.418)

A depressão pós-parto ocorre logo após o parto. Na maioria das vezes ocorre por conta das oscilações de humor durante o período de gravidez. Muitas mães passam por momentos de tristeza e crises de choro, e em algumas situações os sintomas permanecem com maior intensidade e se manifestam, dando origem à depressão pós-parto. Mayara Crepaldi (2016), complementa sua ideia dizendo que a depressão pós-parto se concretiza na mulher a partir de cobranças machistas, quando a mulher perde o direito de

reclamar por coisas que já não são suportáveis, e suas oscilações de humor são consideradas problemas hormonais, e então tratadas como “frescura”.

A baixa reprodução de conteúdo informativo sobre essa temática, está totalmente ligada a maneira que essa problemática é tratada pela sociedade, e isto é o que impulsiona a pesquisa. Poucos veículos de comunicação debatem o assunto, e quando abordam, o tema é tratado superficialmente e com brevidade.

O adoecimento gera sintomas que não são valorizados pela sociedade, nem mesmo no campo medicinal. O problema merece prioridade de pesquisa, pois é importante a eliminação desse tabu que envolve toda sociedade patriarcal, ressalta Drauzio Varella (2016).

De acordo com Zambalde (2008), a prevalência da Depressão Pós-parto é de 10% a 20%. Estudos verificam que 2/3 das mulheres que apresentam psicose puerperal, iniciam os sintomas da Depressão Pós-Parto nas duas primeiras semanas após o nascimento de seus filhos. (CAMACHO; CANTANELLI; RIBEIRO et al. 2006).

Um estudo comparou mulheres com sintomas de transtorno de pânico e 43% dessas pacientes apresentam melhoras dos sintomas ansiosos na gravidez, 33%, piora e 24% não apresentam nenhuma alteração. Porém, no sexto mês da gestação, 63% tiveram piora nos sintomas de transtornos de pânico. Outra pesquisa constatou que durante a gestação é o período mais oportuno para o desencadeamento do primeiro episódio de pânico, “Entre as mulheres estudadas, 10,9% apresentam início dos sintomas no puerpério” (NORTHCOTT e STEIN, 1994. apud CAMACHO; CANTELLI; RIBEIRO et al. 2006), ao contrário do número esperado que era de 0,92%.

4.1. ASPECTOS GERAIS

Esse tabu que envolve a Depressão Pós-parto parte da sobre carga imposta pela sociedade sobre a mulher, dizendo que “deve estar radiante pelo nascimento do seu filho”, e se a mesma negar o afeto, é como se ela fosse culpada por ingratidão, a partir do momento que, perante essa cultura construída “Ela tem tudo e mesmo assim sofre”, contudo, o sofrimento de uma mãe cresce quando ela se sente incapaz de dar valor ao “milagre da maternidade” (IACONELI, 2005)

Os sintomas de Depressão Pós-parto incluem irritabilidade, choro frequente, sentimentos de desamparo e desesperança, falta de energia e motivação, desinteresse sexual, alterações alimentares e do sono, sensação de ser incapaz de lidar com novas situações e queixas psicossomáticas. Uma mãe com depressão pós-parto pode apresentar também sintomas como cefaleia, dores nas costas, erupções vaginais e dor abdominal, sem causa orgânica aparente. (SHCMIDT; PICCOLOTO; MULLER., 2005. apud Klaus e col., 2000, p.61).

Toda a responsabilidade jogada sobre a mulher de que ser mãe é “maravilhoso”, “tem que dar muito amor”, inibe a própria mãe de tirar suas próprias conclusões sobre a maternidade. Segundo Iaconelli (2005), o processo de maternidade já é cultural e idealizado pela sociedade, e qualquer afeto negativo da mãe para com o filho é julgado como algo da ordem impensável. O *Baby Blues* é a tristeza maternal, que atualmente acomete 80% das mulheres nos primeiros dias após a gravidez. O medo da mãe em perder o lugar de filha e ainda não ser capaz de ser mãe, deixa o estado de tristeza alarmante. E dessa forma a Depressão Pós-parto pode acometer de 10% a 20% das mulheres. (IACONELLI, 2005 p. 03).

De acordo com Iaconelli (2005), o que difere a Depressão Pós-parto da tristeza materna (baby blues) é a gravidade do quadro, afetando a funcionalidade da mãe e colocando em perigo o bem-estar do bebê, a Depressão Pós-parto é fator de risco para a saúde do bebê, e por esse e outros motivos requer toda a atenção possível.

4.1.1. Características

Existem alguns fatores de risco classificados como características da Depressão Pós-parto, e segundo Camacho, Cantinelli, Ribeiro et al. (2006), os seguintes fatores influenciam a Depressão Pós-parto: “Idade inferior a 16 anos, história de transtorno psiquiátrico prévio, eventos estressantes dentro dos últimos 12 meses, conflitos conjugais, ser mãe solteira ou divorciada, estar desempregada e apresentar pouco suporte social”.

Além disso, essa temática também traz em questão fatores de risco que estão diretamente relacionados ao interesse pessoal, como por exemplo, “ter uma personalidade vulnerável (mulheres pouco responsáveis ou organizadas),

esperar um bebe do sexo oposto ao desejado, apresentar poucas relações afetivas satisfatórias, suporte emocional deficiente”. (BOTEGA. 2006 apud CAMACHO; CANTANELLI; RIBEIRO et al. 2006).

A etiologia da depressão puerperal ainda não é completamente conhecida, mas acredita-se que, além dos fatores de risco anteriormente mencionados, fatores hormonais e hereditários também estejam envolvidos. (CAMACHO; CANTANELLI; RIBEIRO et al, 2006).

Em alguns casos de Depressão Pós-parto, episódios terríveis são cometidos, como por exemplo, Infanticídio. Segundo Nascimento (2008), as mães capazes de desenvolver essas atitudes frias e cruéis se encontram em estado de melancolia profunda durante a gravidez, ou logo no fim dela, os procedimentos especiais e necessários para o bebê não podem ser efetuados pela mãe, o sentimento de incapacidade é tão intenso que a melhor forma de encontrar alívio é se livrando do causador disso tudo: o bebe.

Tabela 1. Principais fatores de risco para o desenvolvimento de Depressão na gestação.

BIOLÓGICOS	PSICOSSOCIAIS
História de transtorno do humor ou ansiedade	Abuso sexual na infância
História de depressão pós-parto	Gravidez indesejada
História de transtorno disfórico pré-menstrual	Gravidez não planejada
Doença psiquiátrica na família	Gravidez não desejada ou não aceita
	Mães solteiras
	Ter muitos filhos
	Reduzido suporte social
	Violência doméstica ou conflitos no lar
	Abuso de substâncias /tabagismo

FONTE: adaptado de Camacho, Cantinelli, Ribeiro et al, 2006

Levando adiante as considerações de Camacho, Cantanelli, Ribeiro et al (2006), as características que determinam a Depressão Pós-Parto, além dos fatores citados acima, questões hormonais e hereditárias também geram pesquisas sobre essa temática. Já as questões de humor acontecem por conta da produção de progesterona e estrogênio, que são superiores ao tradicional de uma mulher não gestante. As características da Depressão Pós-Parto não diferem muito da depressão tradicional que qualquer mulher está sujeita em qualquer etapa de sua vida. Os sintomas, os desejos suicidas/homicidas e de abandono são os mesmos.

4.1.2. Questões relacionadas

De acordo com CAMACHO; CANTANELLI; RICARDO (2006), questões relacionadas a economia podem estar totalmente ligadas ao crescente número de mulheres com Depressão Pós-parto, por exemplo. Verificou-se que apenas mulheres com escolaridade mais alta e melhor rendimento financeiro apresentavam menor risco, porém mulheres de famílias populosas apresentavam maior risco para depressão. (CAMACHO; CANTANELLI; RICARDO, 2006). Levando em consideração que a mulher que tem uma família grande e pouco poder aquisitivo não pode se dar ao luxo de um problema psicológico. Porém, a mãe com *status* financeiro elevado, não teria problema em ter Depressão Pós-parto. Analisando essa situação, podemos considerar mais uma vez que a Depressão pós-parto, não é frescura.

Ainda, seguindo a mesma linha de pensamento dos autores, outro fator pertinente a atual pesquisa é que muitas mulheres com Depressão Pós-Parto não revelam seus sintomas por medo dos preconceitos impostos pela sociedade, do qual a mesma precisa estar feliz o tempo todo apenas pelo motivo de ser mãe, e se culpa por não sentir essa maternidade por completo.

5. O PRODUTO

O produto trata-se de um videodocumentário de 29 minutos e 14 segundos, que aborda o tema Depressão Pós-parto, com o objetivo de ampliar a visibilidade sobre essa temática, gerar debate entre um grupo de pessoas que desacreditam da problemática, e, por fim, inspirar mães que ainda passam pelo problema. O processo inclui a captação de imagens reais, com mães que já enfrentaram o problema e hoje conseguiram se estabilizar. Durante o documentário, detalham-se aspectos da Depressão Pós-parto de forma cronológica: (1) como começou, (2) aparição dos sintomas mais críticos, (3) quando a mãe percebeu que era Depressão Pós-parto, (4) os estágios da depressão, (5) como o tratamento/ relação com o bebe foi afetado, (6) o apoio das pessoas ao redor, (7) como superou, (8) como se envolveu com o bebe novamente, (9) sua vida depois disso, (10) resumir o tamanho do amor que sentia durante a Depressão Pós-parto e como é o amor depois da Depressão Pós-parto. A música que preenche o documentário é uma produção autoral do começo ao fim. A princípio o produto tinha o seguinte tema “Videodocumentário: Os princípios da Depressão Pós-parto, suas causas, complicações e seu verdadeiro peso social.”, porém após algumas correções o nome foi alterado, contudo as autorizações de imagem já haviam sido assinadas.

5.1. ESCOLHA DAS FONTES/PERSONAGENS

Se prontificaram para o documentário quatro mães que já enfrentaram a Depressão Pós-Parto e superaram este problema, os médicos que auxiliaram o tratamento de cada uma delas, deram entrevistas a fim de desmistificar a ideia de “frescura” imposta pela sociedade.

Com o intuito de mostrar que a Depressão Pós-parto é um problema mental sério, estima-se a importância da ajuda familiar. Para isso uma mãe de uma vítima foi entrevistada.

Como forma de incentivar as pessoas que desacreditam da Depressão Pós-parto a enxergarem que o problema é real e acontece mais do que se pode imaginar, os médicos afirmaram em suas entrevistas, a existência e a importância da Depressão Pós-parto.

5.2. PROCESSO DE PRODUÇÃO/ASPECTOS TÉCNICOS

O filme parte da ideia central em aumentar a visibilidade da Depressão pós-parto, dando a ela mais valor acrescentados da sociedade a partir da exibição do documentário. Será elaborado um roteiro com o formato de TV. Segundo Hampe (1997), este formato divide a parte de áudio da parte de vídeo muito mais completamente que o formato de cinema. É o formato normalmente utilizado nos comerciais de televisão.

A captação das imagens e áudios são prioridades do processo, uma vez que a partir da clareza e entendimento do que será exposto no filme é que seu resultado final e efeitos sobre o público serão concebidos. A gravação foi realizada com câmeras profissionais, foram utilizadas luzes de estúdio fotográfico, para melhor clareza de imagem. A captação de áudio foi através de gravação de áudio do celular, e microfone conectado na própria câmera de gravação.

O enquadramento é o mesmo durante o filme todo, centralizado nas mães, para remeter a ideia de que a mãe sempre será o centro, independente do que passou. Isso também facilitará para que o receptor não perca o foco do assunto.

O cenário em que as mães apareceram é o mesmo para as duas, um estúdio com fundo preto e iluminação bem forte, enquanto contam todo o processo de enfrentamento da doença. Já as mães que se mobilizaram de outro estado e outro país, realizaram filmes amadores, para permanecer a ideia de mobilização por parte delas. Os médicos a ideia clichê do consultório é ideal, ressalta o devido lugar de um profissional, e firma sua importância. A mãe da entrevistada que pode ajudar durante a Depressão Pós-parto, foi entrevistada em sua própria casa.

Com relação a edição do produto final, ficou com Guilherme Lima, estudante de Jornalismo da Universidade do Sagrado Coração.

O compartilhamento, envolve questões sociais. O filme será veiculado no YouTube e compartilhado em uma página no Facebook, a mesma página trará informações sobre a Depressão Pós-parto, para possibilitar que as pessoas entendam mais sobre o assunto com veracidade e verdade.

5.3. FORMATO

O produto tem como formato um documentário, cuja as características já foram apontadas na parte teórica deste trabalho.

De acordo com Nichols (2005), para cada documentário, há três histórias que se entrelaçam: a do cineasta, a do filme e a do público. “Isso quer dizer que, quando assistimos a um filme, tomamos consciência de como e por que ele foi feito”. (NICHOLS, 2005, p.93).

Tendo em vista que o documentário é uma representação do real, porém, não adotam um conjunto fixo de técnicas, “não tratam de apenas um conjunto de questões, não apresentam apenas um conjunto de formas e estilos”. (NICHOLS, 2005, p.48). Porém, a prática do documentário é uma arena onde as coisas mudam, com uma abordagem mais alternativa.

Ainda de acordo com Nichols (2005), os documentários de representação social são os que normalmente chamamos de não-ficção, porque tal documentário traz à tona debates sobre assuntos que já são compartilhados, esse gênero torna visível e audível, a temática de forma distinta, seu peso é maior quando se trata de uma realidade social, além disso, também transmite verdades. “Os documentários de representação social proporcionam novas visões de um mundo comum, para que as exploremos e compreendemos”. (NICHOLS, 2005, p.27). Prima-se por aqui, pelo fato de tal trabalho ser apresentado no curso de Comunicação Social – Jornalismo, num documentário jornalístico e não ficcional, como forma de relatar o fato/tema e gerar discussões sobre o mesmo.

5.4. TIPO

Ainda de acordo com Nichols (2005), no filme ou videodocumentário, podemos identificar seis modos de representação que funcionam como subgêneros do Documentário, os tipos são: Poético, Expositivo, Participativo, Observatório, Reflexivo e Performático.

Modo poético, segundo Nichols (2005), sacrifica as convenções da montagem e continuidade, e a ideia de localização muito específica no tempo e no espaço. Ele possibilita formas alternativas de conhecimento para transferir

informações diretamente, tratar de assuntos que necessitam de uma solução, ou gerar argumentos ou ponto de vista específico sobre o assunto. O que melhor define o modo, é que a sua dimensão se origina de filmes modernistas que se baseiam no mundo histórico como fonte.

Modo expositivo, segundo Nichols (2005), abusa da ideia argumentativa, ao invés da estética e poética. Ele agrupa fragmentos do mundo histórico em uma estrutura retórica ou argumentativa, e dirige-se ao espectador diretamente. Algo muito utilizado nesses filmes são as vozes de Deus, que “fomentou a cultura do comentário com voz masculina profissionalmente” (BILL, Nichols. 2005 p.143).

Modo observatório, segundo o portal de notícias Regiões narrativas (2014), o autor busca captar a realidade tal como ela aconteceu. Para isso é, preciso evitar qualquer tipo de interferência que caracterize falseamento da realidade, apenas um registro dos fatos sem que documentarista e a equipe sejam notados, dessa forma, há poucas movimentações de câmera, trilha sonora quase inexistente e não há narração, as cenas devem falar por si mesmas.

No modo participativo, de acordo com Nichols (2005), o pesquisador vai para o campo que deseja abordar tal assunto, participa da vida de outras pessoas, se adapta aos costumes, corporal ou visceralmente, o modo exige a participação do autor, quando um documentário participativo é assistido, espera-se que seja testemunhado o mundo histórico da maneira pela qual ele é representado.

Modo reflexivo, segundo Nichols (2005), funciona como a representatividade, e segundo o portal de notícias Regiões narrativas (2014), este modo deixa claro para o telespectador quais os procedimentos foram utilizados na filmagem, evidenciando a relação estabelecida entre o grupo filmado e o documentarista.

Modo performático, de acordo com Nichols (2005), levanta questões sobre o que é o conhecimento, segundo o portal de notícias, Regiões narrativas (2014), tal modo caracteriza-se pela subjetividade e pelo padrão estético adotado, utilizando as técnicas cinematográficas de maneira livre.

A partir dessas afirmações, fica claro que o modo aplicado na pesquisa em questão é o expositivo, já que a ideia é que o telespectador que

desconhece a Depressão Pós-parto, tenha uma visão melhor sobre a temática debatida, que o incentivo dos familiares e a conexão estabelecida entre eles é importante para a recuperação da mesma, e além disso, para que outras mães que atualmente enfrentam o problema, possam argumentar sobre a temática evidenciada na pesquisa.

5.5. PÚBLICO-ALVO

O público-alvo se divide em duas camadas, a primeira é o grupo de pessoas que descreem da problemática que envolve a Depressão Pós-Parto, já que o principal objetivo da pesquisa é aumentar a visibilidade da Depressão Pós-parto, através da inserção de um documentário aprofundado que, busca trazer à tona as principais consequências desse problema, e apagar a ideia de frescura criada pela sociedade.

A segunda, são as mães que atualmente enfrentam o problema, o filme servira de apoio para que as mesmas possam se dedicar a melhora através do que as outras mães já enfrentaram no passado.

5.6. PLATAFORMA OU MÍDIA

A plataforma para a inserção do documentário será o YouTube¹, website que permite aos usuários carregar, ver e compartilhar vídeos em formato digital na internet, sem a necessidade de *download* do arquivo de vídeo para o computador; além do Facebook, rede social que terá o papel de propagar o produto através dos compartilhamentos.

Segundo Ladin (2010), o YouTube foi criado em 2005 por três autores, e é hoje um dos três maiores sites do planeta. Atualmente é difícil encontrar um site que não tenha ao menos um vídeo vinculado com a plataforma. A facilidade de busca também é um fator importante, já que é tão fácil achar quanto assistir. Basta digitar qualquer palavra que tenha ligação com o nome

1 Para mais informações sobre o YouTube e sua política, missão e valores, acesse:

de vídeo, e se surpreenda com a quantidade de vídeos relacionados. (LADIN, 2010).

Dados do próprio YouTube indicam que a plataforma de vídeos tem mais de um bilhão de usuários, isso significa em número, quase um terço da internet. Diariamente, esses seguidores assistem bilhões de horas de vídeos, gerando um alto número de visualizações. Além disso, está presente em 76 idiomas, em 88 países diferentes, sendo que o canal atinge mais adultos de 18 a 34 anos de dispositivos moveis, e 18 a 49 anos através de qualquer canal de TV, a cabo ou nos EUA,

Segundo Pacete (2017), o YouTube atinge a marca de 98 milhões de usuários mensais no Brasil, e segundo dados do YouTube Insights, “31% dos usuários procuram a plataforma para acessar conteúdo de aprendizado. Outros 54% acreditam que a essência da plataforma é a liberdade de expressão Ainda de acordo com o estudo, 41% acreditam que o YouTube se diferencia pela diversidade e 26% acreditam que é a autenticidade que faz do YouTube uma plataforma diferente”.

Outra mídia social digital selecionada para o compartilhamento foi o Facebook, que ganhou destaque nos últimos anos, e segundo Farias (2015), já foi constatado que as publicações em vídeo estão não só conquistando maior espaço e alcance no Facebook, como também o maior engajamento e crescimento, isso porque o algoritmo do Facebook é alterado todos os dias, e seria necessário apenas uma retrospectiva mental, para observar que aos poucos os vídeos tomaram conta dos feeds de notícias. (FARIAS, 2015).

O crescimento e o uso do formato são nítidos, e segundo uma pesquisa feita pelo próprio Facebook, compararam as 10 últimas publicações em *links* e as 10 últimas em vídeos. O resultado foi claro, 90% foi a taxa de envolvimento com as publicações em vídeo. (FARIAS, 2015).

Segundo Oliveira, A e Santos, S (2015), os acessos as redes sociais crescem cada vez mais no Brasil e no mundo. “Não é absurdo imaginar que elas constituem uma das estratégias mais utilizadas pela sociedade para o compartilhamento de informação e conhecimento”. (OLIVEIRA; SANTOS, 2015).

Ainda de acordo com Oliveira, A e Santos, S (2015), uma pesquisa Brasileira de mídia 2015 coordenada pela Secretária de Comunicação Social

da Presidência da República, 48% dos brasileiros utilizam a internet e 67% costumam utilizá-la para fins informativos. Entre eles, 92% estão conectados em redes sociais, sendo que a rede social mais utilizada é o Facebook com 83%.

5.7. A PÁGINA

A página² disponibiliza conteúdos informativos sobre Depressão Pós-parto diariamente, com publicações descrevendo o que é a Depressão Pós-parto, antecedendo o lançamento do produto final e publicações motivacionais para quem enfrenta o problema.

A página ficou em modo privado, e no dia 15 de outubro foi ao ar, primeiramente em busca de curtidas para conquistar seguidores, conseqüentemente as publicações ajudarão na conquista de seguidores que se interessem pelo assunto.

O *layout* da página traz um designer simples, com a utilização das cores, branca e rosa.

Durante os dois primeiros dias que a página foi ao ar o alcance foi dentro do esperado, 46 curtidas em 48 horas. Nos primeiros 11 dias que a página foi ao ar foram 62 curtidas foram conquistadas, isso pela baixa procura e interesse por assuntos que necessitam de mobilização social.

1. Imagem de perfil

²

<https://www.facebook.com/depressaopospart/>



Autoria: Luana Karolina

A escolha pela imagem tem referência com o afeto mãe e filho, e a necessidade desse afeto quando há caso de Depressão Pós-parto.

A tipologia trata-se de uma letra cursiva, de cor *Pink*, ambas qualidades fazem referências com o mundo feminino.

A imagem é do banco de imagens, Freepik.br, porém há alterações na imagem e tipologia.

2. Imagem de capa



Autoria: Luana Karolina

A capa foi criada com o objetivo de ilustrar a página desenvolvida para *posts* diários. Além disso, para que mesmo com as outras postagens essa também sirva de forma inspiradora para os seguidores.

O texto foi baseado no tema da pesquisa, e como forma de desmistificar o tabu existente envolto dessa temática.

A imagem original é do banco de imagens Freepik.com, porém a mesma sofreu alterações para ficar com a forma desejada, sendo assim de autoria própria.

5.8. A CRÔNICA

Embora este produto utilize o gênero jornalístico documentário, optou-se pela utilização em dado momento de uma crônica.

Segundo Nicolau (2010), a crônica é um gênero que transita entre o jornalismo e a literatura. Embora seja um texto escrito propriamente para o jornal, inspira-se em acontecimentos do cotidiano e comporta elementos de ficção. As temáticas abordadas são acontecimentos do dia a dia, encontrados na imprensa ou retirados da vivência do autor. (NICOLAU, 2010).

A entrevistada da crônica é uma fonte de informação em off. A história de vida e o depoimento eram significativos demais para ficarem de fora do produto final.

A crônica foi desenvolvida com o objetivo de introduzir o documentário. O texto foi inspirado na história de uma mãe que por motivos particulares solicitou o anonimato, e preferiu não gravar entrevista, a crônica foi uma saída para que não perdesse um depoimento tão forte. A mãe foi encontrada através de uma busca por mães com Depressão Pós-parto, e a mesma se voluntariou a dar seu depoimento. Iniciou-se uma conversa por áudio, porém ela preferiu manter sua identidade preservada, trocou apenas mensagens escritas, e trocou sua foto do WhatsApp para que eu não a conhecesse, depois de algumas horas de conversa, revelou o seu nome, idade, e finalmente sua experiência passada. A mesma tinha 16 anos, namorava escondido dos pais e durante o namoro, acabou ficando grávida. Quando contou para os pais, foi mandada para fora de casa. Esse já foi o ponta pé para a Depressão Pós-parto. A vítima foi para a casa da sogra junto com o namorado agora marido, para construir a vida, ou, pelo menos, tentar. Ao contrário disso, quando deu à luz ao seu bebê precisou suportar, por falta de forças, as traições do seu marido. Além disso, a sogra não a deixava fazer nada para o bebe, trocar fraldas, segurar, dar banho, nada que uma mãe faz para o bebe. Isso só foi ampliando seu estado de

tristeza e desesperança. Ela desenvolveu o quadro de Depressão Pós-parto e não tinha com quem compartilhar. Viveu esse estado desde o puerpério até o primeiro aninho do bebê. Depois disso, teve o apoio da irmã, que a acolheu em sua casa. Hoje faz 10 anos que essa história se passou, e ela ainda não consegue compartilhar os detalhes desse acontecimento.

A gravação foi realizada em campo aberto, em um recinto bastante visitado por moradores de Botucatu, porém com áreas restritas, ideal para a gravação, já que a ideia era trazer a natureza como fundo. A atriz foi, Maria Eduarda Oliveira e a narração foi feita por Bruna Sampaio.

A edição foi feita por Guilherme Lima, estudante de jornalismo da Universidade do Sagrado Coração (USC). A ideia da edição era mesclar as cenas gravadas com a atriz, para sobrepor a voz em off. As imagens começam embaçadas, conforme a história se desenrola o vídeo ganha cor e foco.

6. A PRODUÇÃO JORNALÍSTICA

A produção jornalística é dividida em tarefas, começando pela apuração. Nada definirá melhor a apuração jornalística que Bahia, J. (1990). Segundo ele, escrever bem é apenas parte da atividade profissional que exerce o jornalista, ele deve saber também apurar a notícia, pois para que a notícia seja real ao que relata, ela precisa ser muito bem apurada.

Ainda de acordo com Bahia, J. (1990), a apuração trata-se do completo levantamento de dados de um determinado acontecimento para escrever a notícia.

Na apuração, o que deve predominar é a exatidão dos fatos e a qualificação, a idoneidade das fontes. O trabalho resultará inútil se o repórter, o redator ou o editor, na fase que decide a publicação, não tiverem faro, visão, percepção para eliminar nebulosidades, pontos incompreensíveis, contraditórios da notícia. (BAHIA, J. 1990).

Após a apuração de dados, vem o processo de produção da notícia baseado em todos os dados apurados, e para começar a notícia de forma simples, clara e completa, existe o *lead*, que segundo Sousa, J. (2001), é responsável por liderar e orientar. É o parágrafo que introduz e dá o tom a notícia. Seguido dele vem o conteúdo da notícia que segundo, a teoria da pirâmide invertida, que é aplicada até hoje, as características principais dos dados apurados cabem ao *lead* e, de acordo com Sousa, J. (2001), quando se escreve uma notícia com base no modelo da pirâmide invertida, o núcleo duro da informação deve figurar no *lead*. Ou seja, no *lead* deve conter a informação mais interessante, e seguir a matéria em ordem decrescente.

6.1. A PAUTA

De acordo com Lage, N. (2002), a definição de pauta refere-se ao planejamento de uma edição ou parte dela, e esse planejamento segue em etapas, por exemplo, lista dos fatos a serem cobertos no noticiário, indicações logísticas e técnicas como ângulo de interesse, dimensão pretendida da matéria, recursos disponíveis para o trabalho, sugestões de fontes etc.

Neste documento, será possível encontrar todas as informações necessárias para a construção da reportagem, dados sobre o assunto, a fonte especializada no assunto que será abordado. No caso é necessário mais de uma fonte, contato, horário da entrevista, local, e-mail.

Uma boa pauta é aquela que dá origem à matéria e acarreta em destaque, e supostamente acrescentam em algo ao currículo do repórter, já as pautas ruins são as que dão origem a textos secundários, de menor interesse. E segundo Lage (2002), o êxito de uma pauta depende essencialmente de quem a executa.

No caso deste produto o assunto será o mesmo para todos os entrevistados, porém com questionamentos diferentes.

6.2. A CAPTAÇÃO

Todas as filmagens foram realizadas com uma CanonT5i, com uma lente 18-55 em modo automático e uma Nikon, todas as entrevistas necessitaram de tripé. A captação com o apoio de Maysa Santos.

Os enquadramentos foram definidos de tal forma, que as mães ficaram no centro, em plano médio curto/plano médio, agregando valores com a segunda câmera para detalhes.

Os médicos e assistentes da gestante foram enquadrados na lateral direita com plano médio/plano médio curto.

As formas de enquadramentos foram definidas desta maneira, pois há intenção em ter a mãe no centro de todas as coisas, apesar de todo os momentos enfrentados por ela.

Usualmente, essa variação é feita pelo operador de câmera nos intervalos reservados para as perguntas do entrevistador. Essa estratégia, combatida por alguns documentaristas no que ela tem de clichê, busca explorar um efeito dramático propiciado pelos depoimentos. (PUCCINI, 2009, p.68).

A variação de enquadramentos e essa “brincadeira” com as cenas interagem melhor com telespectador e, segundo Puccini (2009), também cria uma dinâmica visual para o documentário. Tal dinâmica é utilizada para combater a monotonia de uma entrevista longa.

6.3. AS ENTREVISTAS EM PROFUNDIDADE

O ato de entrevistar, considerado função jornalística, facilita o processo de redigir, agregando mais valores a reportagem, seja ela escrita, sonora ou televisada. A técnica de entrevistar oferece ao pesquisador uma gama de dados muito grande, possibilitando o maior enriquecimento do produto final. Esse método de coleta de dados, quando bem construído, com perguntas construtivas, deixa cada vez mais claro o que o produtor deseja transmitir através da temática.

Segundo Duarte (2010), a entrevista em profundidade é um processo metodológico que busca, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte. Além disso, as entrevistas permitem a identificação de diferentes maneiras de perceber e descrever lugares. Sendo assim para o produto audiovisual é ainda mais intensivo, uma vez que o telespectador pode observar com os próprios olhos a ambientação do entrevistado, o nervosismo ao tratar sobre assuntos delicados, e até mesmo a mudança na voz quando se emocionam.

A entrevista é capaz de impulsionar a experiência de compreensão, “Entrevista é uma das mais comuns e poderosas maneiras que utilizamos para tentar compreender nossa condição humana” (apud Fontana & Frey, 1994. P. 361). E, a entrevista individual em profundidade, segundo Duarte 2010, trata-se de uma técnica qualitativa, que presa pela busca de informações, percepções e experiências do entrevistado, para assim, analisá-las e apresentá-las de forma estruturada. Além disso, esse método de entrevista procura por intensidade nas respostas e não quantificação ou representação estatística. (Duarte, 2010).

6.4. ELABORAÇÃO DO ROTEIRO DE PERGUNTAS

O roteiro de perguntas foi construído conforme a especialidade ou história de cada entrevistado, antes da realização das entrevistas foram realizadas apurações sobre cada personagem, por exemplo, a apuração sobre os médicos, se há pesquisas publicadas, formação e, até mesmo, programas televisados que já participou.

As mães

As mães foram encontradas através da internet, em um grupo de comércio em Botucatu, no qual elas também estavam inseridas, e foram marcadas por amigas em minha publicação feita pelo pesquisador.

Iniciou-se um contato via WhatsApp, onde elas contaram sua história, como aconteceu, o processo de recuperação etc. Mantemos o contato, e, então, foram marcadas as entrevistas. As gravações principais de duas mães com Depressão Pós-parto foram realizadas em um estúdio profissional, com fundo preto e somente uma luz amarelada sob elas, o posicionamento das mães foram centrais, ambas enquadradas no centro da imagem.

As mães compartilharam sua história para a pesquisa, porém, ambas tiveram o interesse maior em participar com o objetivo de ajudar outras mulheres.

Embora ambas tenham se prontificado a colaborar com a pesquisa, esperava-se um envolvimento maior, uma expressão de emoções. Porém, mesmo que esse fato não tenha ocorrido, pode-se notar durante a entrevista momentos em que as mesmas seguram essa comoção. Esse fator não foi prejudicial para o documentário, pois acaba ressaltando o empoderamento da mulher após ter enfrentado uma doença como essa.

As entrevistas com as mães duraram de 30 a 40 minutos.

Jessica Amanda foi a primeira mãe a se manifestar. Ela desenvolveu a Depressão Pós-parto por conta de problemas estéticos, chegando ao ponto de colocar sua beleza e questões estéticas à frente do amor pelo seu filho. A entrevistada conta relatos de como a doença se desenvolveu e a importância do apoio familiar.

Karina Teles, foi a segunda mãe a se manifestar. Ela desenvolveu a Depressão Pós-parto por conta de um tumor que até então a impossibilitava de engravidar, e por um acaso a mesma engravidou. Desconfiando de si mesma, acreditou que perderia o bebê. Toda essa conspiração negativa durante a gestação e mesmo no puerpério, trouxeram a Depressão Pós-parto. Os efeitos foram fortes no caso de Karina, que por um tempo determinado negou amor ao próprio filho.

Cristine Alves, entrevistada por celular, conta ter vivido fortes momentos quando enfrentou a Depressão Pós-parto. A entrevistada teve a doença ocasionada por um ex-relacionamento abusivo. O período ocorreu na segunda gestação, e seus desesperos eram refletidos em agressões contra a filha mais velha. Cristine, precisou de acompanhamento médico e fez o uso de antidepressivos, hoje encontra-se melhor.

Elisângela Siqueira, é psicóloga e embora cuide de problemas como este também desenvolveu a Depressão Pós-parto. A presença da psicóloga no documentário é extremamente relevante, uma vez que a mesma precisa trabalhar com essas questões mentais, e acabou desenvolvendo esses episódios de Depressão Pós-parto ocasionada por problemas pessoais. Embora tenha tido ajuda dos familiares, precisou também de acompanhamento psiquiátrico e fez o uso de antidepressivos.

Os médicos

Psicóloga

Carolina Sasso Ricardo, possui formação em psicologia pela Unesp de Bauru, especializou-se em arte terapia em educação e em Docência do ensino Superior (ambos pela UCAM/RJ), a mesma possui pós-graduação em sexualidade pela UCAM/RJ, e hoje é psicóloga clínica. Formação, 2002 – 2007.

A entrevista com a psicóloga foi um pouco mais acessível, por já termos um contato mantido de outros trabalhos acadêmicos, a resposta veio rápida, inicialmente por WhatsApp, e em seguida marcamos a entrevista pessoalmente.

Como cenário utilizamos o consultório da fonte e, assim, como todos os outros médicos o enquadramento foi posicionado em regra dos terços no lado direito da tela.

A entrevista atingiu o esperado, foi abordado assuntos além da Depressão Pós-parto, temas que envolvem essa doença também.

A entrevista durou cerca de 40 minutos.

Ginecologista

O Dr. Marcus Guazzelli, é graduado desde 1997, em medicina, aperfeiçoou-se em mastologia, especialização em laudos de mamografia, realizou sua residência médica em na área de pré-natal, mestre em obstetria e ginecologia.

A entrevista com o ginecologista foi um pouco mais trabalhosa, após tentar contato diversas vezes com outro especialista da área, que a princípio chegou até a marcar um encontro para conversamos a respeito da pesquisa, mas, sem êxito. Foi quando resolveu-se procurar o médico Marcus Guazzelli, que foi bastante receptivo. Realizou-se o contato pessoalmente, em uma visita e também se enviou um e-mail relatando por escrito do que se tratava a pesquisa. O segundo encontro já foi a entrevista.

O cenário utilizado foi o consultório, também em regra dos terços, lado direito.

Um problema não era esperado, a iluminação ficou um pouco escura por conta do ambiente, e o horário que já fazia parte do entardecer.

A entrevista durou 30 minutos.

Psiquiatra

O Dr. Benedito Miranda, realizou residência médica em psiquiatria, possui o título de especialista em psiquiatria conferido pela associação brasileira de psiquiatria. Formação em psicanálise, pela sociedade brasileira de psicanálise de São Paulo, além disso, é mestre em psiquiatria pela USP.

Para encontrar o médico dessa área com tempo hábil para entrevista foi um pouco complicado. Foram feitos contato com cinco médicos anteriores ao Dr. Benedito, e obtive não como resposta em todas as tentativas. O especialista se prontificou na mesma hora para ajudar com a pesquisa.

Mantemos contato por WhatsApp, onde expliquei qual era o objetivo da pesquisa, e ele pode me esclarecer algumas coisas, então marcamos a entrevista, no único horário disponível.

A entrevista durou de 30 minutos. A entrevista foi como esperado, uma vez que o médico já está acostumado com as câmeras. Porém, um fator que dificultou, foi o tempo muito curto para a entrevista.

A Doula

Ana Carolina é formada em Doula pelo Gama, desde outubro 2015, e atualmente cursando enfermagem.

A entrevista com a Doula foi realizada por indicação de uma das mães que enfrentou a Depressão Pós-parto. Feito o contato por WhatsApp, onde a mesma explicou sua profissão e formação, marcou-se a entrevista para mesma semana, A entrevista foi um pouco complicada quanto aos equipamentos, porém, correu tudo bem.

A entrevista durou 40 minutos.

Entrevistas a distância

Algumas entrevistadas de outras regiões e outro país, compartilharam suas histórias via vídeos pelo WhatsApp e e-mail.

Cristine de Pombal cidade localizada em Portugal. E Elisângela de Amparo em São Paulo.

Vídeos propositalmente amadores, sem instruções técnicas, para deixa de forma espontânea ressaltar como elas se mobilizaram de tão longe em busca de ajudar, e com intenção de poder ajudar alguém por meio do produto documentário.

6.5. A EDIÇÃO

Segundo Ferreira (1999), a edição de vídeo é uma vertente de extrema importância no audiovisual. Trata-se do processo de montagem e construção de uma narrativa visual, decorrente da sequência de imagens e sons.

A desfragmentação de imagem e áudio, durante a edição é manuseada de forma que construa toda a ideologia que o produto audiovisual pretende atender desde a roteirização, dessa forma ficando mais claro para o telespectador, segundo Ferreira (1999), quando nos referimos a conceito, a edição é essencial para a decisão da forma como se desejar passar a mensagem, obedece ao rigor da escolha de imagens, sons e das entrevistas que, em uma determinada lógica de encadeamento e edição, irão ter um determinado sentido e objetivo.

Existem duas opções de narrativas audiovisuais, a linear e a não linear. A linear refere-se à filmagem que possibilita outros formatos, como por exemplo, a fita cassete.

Já o não-linear disponibiliza formatos totalmente digitais, utilizando para isso suportes de edição de imagens.

A grande diferença entre estas duas maneiras de edição é a digitalização das imagens, a sua maior flexibilidade de acesso e visionamento e as muitas possibilidades de trabalho que um sistema analógico não permite - isto no sentido puro da Edição de Imagem, baseado na colagem simples de imagens e sons com uma determinada duração, sequência e lógica. (FERREIRA, J. [1999 – 2016].)

Algumas correções precisaram ser realizadas no momento da edição, como por exemplo o ajuste de cores, uma vez que as filmagens foram realizadas em locais diferentes.

6.6. DIFICULDADES

A dificuldade estava em encontrar as fontes no geral, porém as mães foram difíceis pois, a mulher com Depressão Pós-parto não assume ao mundo ter uma doença mental. Portanto falar para todo mundo por meio de um documentário dificulta ainda mais. Durante as buscas, ao encontrar uma mãe disposta a falar, havia uma incompatibilidade de agendas, portanto foi necessário deixar de realizar algumas tarefas para prosseguir com as entrevistas.

Outro ponto fora as entrevistas com os médicos, durante as tentativas as respostas negativas se mostraram presentes, uns pela filmagem, outros por conta do tema.

Com relação aos equipamentos de gravação, todas as filmagens sem exceções deram seu trabalho particular, hora o cartão acusava estar cheio, sem estar, hora o tripé não parava mesmo rosqueado, hora a câmera descarregava na primeira filmagem, porém as filmagens saíram.

Embora tenham acontecido todas essas dificuldades, as filmagens atenderam às expectativas da pesquisa. Durante o documentário é possível perceber o real peso que a Depressão Pós-parto tem.

7. CONSIDERAÇÕES

Ao concluir todas as etapas dos processos propostos, foi possível atingir resultados relevantes para as considerações da pesquisa.

Antes de escolher o tema não havia nenhum envolvimento com mães depressivas, foi preciso entender o processo minuciosamente, tanto as questões medicinais como as midiáticas. A falta de cuidado e manifestações nos dois quesitos profissionais.

Ao retomar o objetivo geral da pesquisa, que insiste em aumentar a visibilidade para o tema em questão, conclui-se que a busca por produtos que trazem debates sobre questões de problemas sociais, são muito baixas, e através de conversas sobre a temática e o envolvimento com a página do Facebook, fica claro a falta de informação sobre a Depressão Pós-Parto.

O jornalismo, por sua vez, evita abordar temas mais sociais. Infelizmente a abordagem predominante é a do *hardnews* ou factual. Por muitas vezes, esquece-se a existência da questão e o problema social existente. Inclusive, se tratando de um déficit na saúde pública, que por sua vez também deixa a desejar as campanhas para a prevenção da Depressão Pós-parto.

Com relação aos objetivos específicos, conclui-se que todos os aspectos técnicos e processos que levam à construção de um documentário, foram explorados pelo pesquisador. Todas as técnicas jornalísticas aprendidas durante a graduação foram utilizadas para elaboração do produto final. A respeito da ajuda esperada pelos familiares das mulheres que enfrentam ou enfrentaram o problema, a desmistificação, há quebra dos preconceitos relacionados a “frescura”. Entende-se, a partir dos depoimentos de médicos formados, responsáveis pela saúde de mães como essas que deram seus depoimentos, que a Depressão Pós-parto não é frescura, e sim um problema mental que necessita de tratamento e acompanhamento médico.

A página do Facebook ajudou a compreender essa questão e ilustra o interesse por temas sociais, pois o convite para curtir a página foi enviado, simultaneamente, para 2.721 pessoas e, em 11 dias, apenas 62 pessoas curtiram. A princípio, o número parecia ser consideravelmente grande, pois, no primeiro e segundo dia em que a página foi ao ar, 46 curtidas foram conquistadas em 48 horas, porém, o alcance diminuiu durante os outros dias.

A primeira publicação alcançou 19 pessoas de 42 seguidores; já a segunda alcançou 155 envolvimento de 60 seguidores; a terceira alcançou 473 pessoas e assim por diante. Após esse crescimento de envolvimento apenas a última publicação não progrediu. Porém, através de uma pesquisa, foi possível compreender que, de acordo com a dinâmica comportamental ou de respostas experienciadas no Facebook, quanto mais textos houver sobre a imagem menos, envolvimento ela terá

O produto final atendeu as expectativas do pesquisador. Há um momento em comum entre as duas mães entrevistadas, que foi gratificante para a pesquisa como um todo. Um momento em que ambas puderam sentir ali um espaço para desabafar e, ao mesmo tempo, servir de apoio para alguém, ajudando algo que as machucou por muito tempo. Outra questão foi a mobilização de mães de longe para colaborar com as outras guerreiras. Com relação à questão que deu vida a essa pesquisa, afirma-se que a falta de informação sobre a Depressão Pós-parto dá ainda mais espaço a essas suposições de frescura. Quanto mais mulheres debaterem sobre isso, mais as outras se encorajam para combater o desenrolar dessa doença mental gravíssima, evitando problemas futuros.

Ao falar sobre um assunto tabu, foi possível enxergar a doença com outros olhos. Escolher esse tema foi um desafio para esta pesquisadora, uma vez que suas crenças eram outras. O trabalho pode servir de forma amenizadora para a questão da vulnerabilidade e dar de visibilidade ao problema e, assim, possibilitar outra visão sobre ele.

Além de todas as oportunidades que essa pesquisa proporcionou, é importante ressaltar que o que define este trabalho é o amadurecimento que envolve tanto o pesquisador, quanto as mães que transmitiram essa necessidade durante o processo doloroso que vivenciaram. E também, infelizmente, há uma porcentagem de pessoas que, para entender assuntos como a Depressão Pós-parto, necessitam de amadurecimento emocional e/ou mental.

Contudo, a escolha do produto foi gratificante e sua construção de forma persuasiva de acordo com os preceitos que tem a televisão, com relação ao público telespectador, trazem resultados satisfatórios para o meio. Além disso, a internet e as redes sociais hoje abrigam um grande número de seguidores,

sendo assim, em busca do aumento de visibilidade, esses canais são a primeira escolha para a transmissão do documentário.

É preciso colocar-se no lugar do entrevistado, literalmente, mesmo que esses sentimentos e essas ocasiões não lhe pareçam tradicionais. Sinto que ter se colocado no lugar das entrevistadas trouxe uma melhor flexibilidade para trabalhar com o tema.

REFERÊNCIAS

ABIAHY, A. **O jornalismo especializado na sociedade da informação**. [Entre 2000 e 2016]. 27 f. Dissertação (Obtenção do grau de bacharel em comunicação social) – Universidade Federal da Paraíba.

ALCARÁ, A ; OLIVEIRA, A ; GOMES, M. **Entrevista: um relato de aplicação da técnica**. 2016, 13 f. Paper (compartilhamento de informação e conhecimento) – Universidade Estadual de Londrina, 2016.

ALMEIDA, Cândido. **Uma nova ordem audiovisual: novas tecnologias de comunicação**. São Paulo: Summus, 1998.

BAHIA, J. **Histórias, jornal e técnica: As técnicas do jornalismo**. Volume 2. 5 ed.- Rio de Janeiro : Mauad X, 2009.

BARBOSA, R. **Prevalência e incidência de depressão pós-parto e sua associação com o apoio social**. 2008. 85 f. Artigo (programa integrado de pós-graduação em saúde coletiva) – Universidade Federal de Pernambuco, 2008.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1984

BASTOS, Jessica. Fotojornalismo: ética e direito. **Tcc uni Brasil**, 2012. Disponível em: <tccunibrasil.files.wordpress.com/2010/05/tcc-jessica-stella-bastos.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2016.

BOND, Frank. F. **Introdução ao jornalismo**. Rio de Janeiro: Agir, 1962.

BOUER, J. Incidência de depressão pós-parto no Brasil passa de 25%. **Doutorjairo.blogosfera.uol**. 2016. Disponível em: <<https://doutorjairo.blogosfera.uol.com.br/2016/04/22/incidencia-de-depressao-pos-parto-no-brasil-passa-de-25/>> Acesso em: 19 set 2017.

BRUM, Eliane. Menina quebrada. **Época**, 2013. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Sociedade/eliane-brum/noticia/2013/01/menina-quebrada.html>> Acesso em: 02 nov. 2016.

BUITONI, D. Documentário e jornalismo: Produções antigas podem ser inovadoras. **Casperlibero.edu.br**, 2008. Disponível em: <<https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/05/Document%C3%A1rio-e-jornalismo.pdf>> Acesso em: 19 Set 2017.

BURGESS; GREEN. **YouTube e a revolução digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade**. 2009. 32 F. São Paulo; Aleph, 2009.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**. Historia e imagem. Bauru: Edusc, 2014.

CAMACHO, R.S.; CANTINELLI, F.S.; RIBEIRO, C.S. Transtornos psiquiátricos na gestação e no puerpério:Classificação, diagnóstico e tratamento. **Article in Revista de psiquiatria clinica**. P. 92-102, março/2017. Disponível em:<https://www.researchgate.net/profile/Amaury_Cantilino/publication/247853424_Transtornos_psiquiatricos_na_gestacao_e_no_puerperio_classificacao_diagnostico_e_tratamento/links/57e6b77008aedcd5d1aa9ea2/Transtornos-psiquiatricos-na-gestacao-e-no-puerperio-classificacao-diagnostico-e-tratamento.pdf> Acesso em: 19 set 2017.

CANAVILHAS, J. **Jornalismo Transmídia: um desafio ao velho ecossistema midiático**. Bogotá, Editorial Universidad del Rosario, 2013. Disponível em: <<http://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/4347/1/jornalismotransmedia.pdf>> Acesso em: 20 Set 2017

CARVALHO, M. O Documentário e a prática jornalística. **Revista Pj:Br Jornalismo Brasileiro**, Ed. 07. São Paulo, Set/2017. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/ensaios7_d.htm>Acesso em: 18 Set 2017.

CORREIA, A. **Prevalência e fatores de risco associados a depressão pós-parto em um serviço de referência na cidade de João Pessoa – Paraíba**. 2006, 112 f. Dissertação (Mestrado em Neuropsiquiatria e ciência do comportamento) – Universidade Federal de Pernambuco, 2006.

CREMILDA, Medina. **Entrevista: O dialogo possível**. São Paulo. Editora ática S.A. 1995.

CREPALDI, Mayara. O lado b da maternidade. **Revista Una**, 2016. Disponível em: <<http://revistauna.hol.es/o-lado-b-da-maternidade.html>>. Acesso em: 02 nov. 2016.

DEPRESSÃO PÓS-PARTO UM CASO REAL. Vida e saúde. **Tribuna**, jun 2009. Disponível em: <<http://www.tribunapr.com.br/arquivo/vida-saude/depressao-pos-parto-um-caso-real/>>. Acesso em: 30 set 2017.

DUARTE, Jorge. **Entrevista em profundidade**. In: DUARTE, Jorge e BARROS, Antônio (orgs). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2010.

ERBOLATO, M. Jornalismo especializado. Atlas, São Paulo, 1981.

FARIAS, F. Por que publicar vídeos em sua página no Facebook, Blog de marketing digital de resultados. **Resultadosdigitais.com.br**, 2015. Disponível em: <<https://resultadosdigitais.com.br/blog/por-que-publicar-videos-no-facebook/>>. Acesso em: 30 set 2017.

FERREIRA, J. **Manual de formação edição de vídeo**. S.l. [1999 a 2016].

GIANGIARDI, C. **Jornalismo na era da convergência de mídias – um estudo sobre a transição da revista galileu do impresso para o digital.** 2012. 9 F. (Pesquisa e extensão) – São Paulo, 2012.

GONÇALVES, G. **Panorama do documentário no Brasil.** Doc.ubi.pt.com, 2006. Disponível em: <http://www.doc.ubi.pt/01/artigo_gustavo_soranz_brasil.pdf> Acesso em: 18 Set 2017.

HAMPE, B. **Escrevendo um documentário,** 1997. Disponível em: <<http://lsgasques.blogs.unipar.br/files/2008/05/escrevendo-um-documentario.pdf>> Acesso em 29 set 2017.

IACONELLI, V. Depressão pós-parto, psicose pós-parto e tristeza materna. **Revista pediátrica moderna.** N. 4, p 1-7, Jul/agost 2005. Disponível em: <<https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/1927.pdf>> Acesso em: 19 set 2017.

JENKINS, H. **Cultura da Convergência.** São Paulo: Aleph, 2009.

KUBRUSLY, Claudio. **O que é fotografia.** São Paulo. Brasiliense, 1991.

LABAKI, Amir. O fim da era da inocência. Folha.uol.br.br, 2011. Disponível em: <http://www.insite.pro.br/2012/julho/historia_jornalismo_evolucao.pdf>. Acesso em: 30 Set 2017.

LAGE, N. **A reportagem: Teoria e a técnica de entrevista e pesquisa jornalística.** Santa Catarina: Record, 2000.

LANDIM, W. O YouTube em números. **Tecmundo.com.br,** 2010. Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/youtube/5810-o-youtube-em-numeros.htm>> Acesso em: 19 set 2017.

MARREIROS, Glória. **Gravidez e maternidade.** Lisboa: Caminho, SA, 1988.

MEDINA, J. Gêneros jornalísticos: repensando a questão. **Revista Symposium.** N. 1. ANO, 5, P.1-11. Jan/Jun 2001. Disponível em:<> Acesso em: 19 set 2017.

MELO, C.; GOMES, I. ; MORAIS, W. **O documentário jornalístico, gênero essencialmente autoral.** Intercom.org.br, 2001. Campo Grande, Set/2001. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP7MELO.PDF>> Acesso em: 18 Set 2017.

MELO, Cristina. O documentário como gênero audiovisual. **Revista UFGV.** Pernambuco, n ½ p. 1-16, jan/dez 2002. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/ci/article/viewFile/24168/14059>> Acesso em: 19 Set 2017.

MERELES, Carla. Liberdade de expressão e liberdade de imprensa: Quais as diferenças?. **Politize**. Mar/2017. Disponível em: <<http://www.politize.com.br/liberdade-de-expressao-liberdade-de-imprensa>> Acesso em: 18 set 2017.

MIGLIORIN, C. (Organização), *Ensaio no real*. Rio de Janeiro: Beco do azougue, 2010.

NASCIMENTO, P. Da depressão pós-parto ao infanticídio – uma leitura psicanalítica. **Sapientia.pucsp.br**, 2008. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/18724/2/Priscila%20Carnaval%20d%20Nascimento.pdf>>. Acesso em: 30 set 2017.

NETO, E. **Por uma história do jornalismo digital: algumas considerações**. 2007. 15 f. Artigo (Mestre em comunicação contemporânea) – Faculdade Estácio de Sá – Juiz de fora (FES-JS), 2007.

NETO, R.C.C. O “quarto poder” e censura democrática. **Observatoriodaimprensa.com.br**, 2013. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/_ed765_o_quarto_poder_e_censura_democratica/> Acesso em: 19 Set 2017.

NICHOLS, B. **Introdução ao documentário**. Campinas, SP; Papyrus, 2005.

NICOLAU, M. As tiras e outros gêneros jornalísticos: uma análise comparativa. **Revista eletrônica Temática**. João Pessoa, N. 02, p. 7, fevereiro/2010. Disponível em: <http://www.insite.pro.br/2010/fevereiro/tirinhas_genero_jornalistico_nicolau.pdf> Acesso em: 19 out 2017.

O YOUTUBE em números. **Youtube.com**, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/intl/pt-BR/yt/about/press/>> Acesso em: 19 Set 2017.

OLIVEIRA, A.; SOUZA, S. **Redes sociais e a disseminação de informações públicas no Brasil**. 2015, 13f. Trabalho (GT 4 Mídias da informação: cidadania e Exclusão digital no contexto sociedade da informação). – Encontro nacional dos estudantes de biblioteconomia, educação, ciência e gestão da informação, 2015.

PACETE, L. Quem são os usuários do YouTube no Brasil? **Meioemensagem.com.br**. 2017. Disponível em: <<http://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2017/07/24/quem-sao-os-usuarios-do-youtube-no-brasil.html>>. Acesso em: 30 set 2017.

PITTA, J. **Depressão no Puerpério**. [Entre 2010 e 2017], 7 f. Artigo (especialização em saúde da família), - Universidade federal de São Paulo.

PONTES, F. **Do jornalismo e da história á história do jornalismo**. 2006, 21 f. Mestrado (Programa de Pós-graduação em jornalismo) – Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2006.

PRATEANO, V. Depressão Pós-parto ainda é tabu. **Gazetadopovo.com.br**, 2012. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/saude/depressao-pos-parto-ainda-e-tabu-2yni5wx63u5yja5k2navyaatq>>. Acesso em: 28 Out 2017.

PROFISSÃO repórter mostra a vida das mulheres com Depressão Pós-parto. **G1.globo.com**, 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/profissao-reporter/noticia/2016/08/profissao-reporter-mostra-vida-das-mulheres-com-depressao-pos-parto.html>> Acesso em: 19 set 2017.

RICHARDSON, Roberto; DUARTE, Jorge. **Pesquisa social: Métodos e técnicas**. São Paulo. Atlas S.A,2008.

ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

ROSSIGNOLLI, C.; ASSÊNCIO, C.; CORDENONSI, A.M. Interesse público e critério de noticiabilidade – Um estudo sobre o programa TV folha. 2013, 15 f. Artigo (Graduada em jornalismo) – UNIMEP, Piracicaba. São Paulo, 2013.

ROVIDA, M. **A segmentação no jornalismo sob a ótica durkheimiana da divisão do trabalho social**. 2010. 170 f. Dissertação (Programa de pós-graduação strictu Sensu) – Faculdade Cásper Libero, São Paulo, 2010.

SANTOS, C. Visão sobre depressão sofreu transformações ao longo da história. **Jornal.usp.br**, 2017. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/viewFile/9021/6244>> Acesso em: 26 Out 2017.

SANTOS, C. Visão sobre depressão sofreu transformações ao longo da história. **Jornal USP**, 2017. Disponível em: <<http://jornal.usp.br/ciencias/visao-sobre-depressao-sofreu-transformacoes-ao-longo-da-historia/>>. Acesso em: 11 Out 2017.

SANTOS, M.; WILSON, B. Jornalismo especializado no Brasil: Teoria, prática e ensino. **Metodista**, São Paulo, 2015. Disponível em: <[file:///C:/Users/Gabriel/Downloads/Jornalismo%20especializado%20no%20Brasil12-4-2015%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Gabriel/Downloads/Jornalismo%20especializado%20no%20Brasil12-4-2015%20(1).pdf)> Acesso em: 18 Set 2017.

SILVA, G. Para pensar critérios de noticiabilidade. Estudo em jornalismo e mídia. Vol.II N. 1, p. 1-13. Set/2005. Disponível em:<<http://200.144.189.42/ojs/index.php/estudos/article/viewFile/5931/5402>> Acesso em: 19 Set 2017.

SILVA, R. A transição do jornalismo: do século XIX ao século XX. [Entre 2007 e 2017], 9 f. Artigo (pós-graduação em comunicação mercadológica) – Universidade Estadual Paulista, São paulo, [Entre 2007 e 2017].

SILVA, R. História do jornalismo: evolução e transformação. **Revista Temática**. N.7 p.1-12.Jul/2012. Disponível em: <http://www.insite.pro.br/2012/julho/historia_jornalismo_evolucao.pdf> Acesso em: 18 set 2017.

SOUSA, Jorge. Fotojornalismo. **Bocc**, 2002. Disponível em: <>. Acesso em: 02 nov. 2016.

TABAKI, Amir. **Introdução ao documentário brasileiro**. São Paulo. Francis, 2006.

TEIXEIRA, Francisco. **Documentário no Brasil**. São Paulo: Summus Editorial, 2004.

THEME Filha, Mariza Miranda et al. Factors associated with postpartum depressive symptomatology in Brazil: The Birth in Brazil National Research Study, 2011/2012, **Journal of Affective Disorders** , Volume 194 , 159 – 167, 2016. Disponível em <[http://www.jad-journal.com/article/S0165-0327\(15\)30678-9/fulltext](http://www.jad-journal.com/article/S0165-0327(15)30678-9/fulltext)>. Acesso em 09 set. 2017

TIPOS de documentário. **Regioesnarrativas.com.br**, 2014. Disponível em: <<https://regioesnarrativas.com.br/2014/09/02/28-ago-tipos-de-documentarios/>> Acesso em: 19 Set 2017.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**. Florianópolis/SC: Insular, 2005.

TRATAMENTO PARA DEPRESSÃO PELO SUS É APONTADO COMO PROBLEMA PRINCIPAL. **Câmara dos Deputados**. [camara.leg.br](http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/saude/196697-tratamento-para-depressao-pelo-sus-e-apontado-como-problema-principal.html), 2011. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/saude/196697-tratamento-para-depressao-pelo-sus-e-apontado-como-problema-principal.html>> Acesso em: 01 Dez 2017.

TRAVASSOS, E. O jornalismo e as novas tecnologias. **Revista eletrônica temática**. P.1-5. Agosto, 2008. Disponível em: <<http://www.insite.pro.br/2008/24.pdf> > Acesso em: 19 set 2017.

VARELLA, Drauzio. Depressão pós-parto. **Drauzio Varella**, 2016. Disponível em: <>. Acesso em: 02 nov. 2016.

WILLRICH, R. **Sistemas multimídia distribuídos**. 2000, 249 f. Dissertação (Mestrado em informática e estatística) – Universidade federal de Santa Catarina, 2000.

WOLF, M. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1999.

ZAMBALDI, C. **Sintomas obsessivo-compulsivos na depressão pós-parto**. 2008. 87 f. Programa de Pós-graduação (em neuropsiquiatria e ciências do comportamento) – Universidade Federal de Pernambuco, 2008.

ZANDONADE; FAGUNDES. Videodocumentário. **Bocc**, 2003. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/zandonade-vanessa-video-documentario.pdf>> Acesso em: 02 nov. 2016.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Roteiro de Perguntas

- **Mães:** Perguntas para as mães com ou que já enfrentaram a Depressão Pós-parto. (pessoalmente ou por WhatsApp).

Como era sua vida antes da Depressão Pós-parto?

Quando começou os primeiros manifestos da Depressão Pós-parto?

O que você sentia exatamente?

Você teve apoio de algum familiar?

Você já teve algum histórico depressivo?

Quais alternativas você procurou para se recuperar?

Teve o acompanhamento de algum médico, especialmente para a Depressão Pós-parto?

Como foi o processo de recuperação?

Você já se recuperou?

- **Familiar:** Perguntas para a mãe da entrevistada, Jessica Amanda.

Como era conviver com a Jessica enfrentando essa etapa?

Quando você percebeu que a Jessica precisava de você?

Como você ajudou de forma que não interferisse na convivência dela com o João (bebe)?

Por quanto tempo você precisou cuidar do João como se fosse seu filho?

Qual foi o maior desafio para você como mãe durante esse período que a Jessica enfrentou?

- **Psicóloga:** Perguntas para o profissional que faz o acompanhamento psicológico, muito importante durante essa etapa.

Os casos de Depressão Pós-parto, como são diagnosticados?

Quais as frequências de procura por tratamento?

Há algum tipo de tratamento pré-natal que posso inibir a Depressão Pós-parto?

O tratamento psicológico ajuda de que forma essa mãe?

- **Ginecologista:** Perguntas ao profissional responsável pelo acompanhamento da mulher.

Em qual estágio de reações eu posso dar nome a Depressão Pós-parto?

Até quanto tempo após o parto ainda é considerado Depressão Pós-parto? (por exemplo: se uma mãe desenvolver a Depressão Pós-parto e o bebê tiver 3 anos, isso é Depressão Pós-parto?)

Qual é o diagnóstico médico, a Depressão Pós-parto pode ser classificada como doença?

Esse tabu que envolve a Depressão Pós-parto, taxando-a como frescura é muito curioso, e o Dr. como médico vê um fim para esse problema?

Qual é o melhor caminho para as mães que estão enfrentando a Depressão Pós-parto?

Qual a diferença do Baby Blues para a Depressão Pós-parto?

Se os pensamentos de infanticídio me incomodam por conta de Depressão Pós-parto, o que devo fazer?

- **Psiquiatra:** Perguntas ao profissional responsável pela saúde mental

Como a depressão pós-parto é desencadeada?

Quais os fatores que impulsionam ainda mais a Depressão Pós-parto?

Qual a importância do apoio familiar durante esse período?

Quais os tratamentos indicados?

Com relação aos medicamentos, antidepressivos podem afetar o recém-nascido?

A psicoterapia é indicada para o controle dessa melancolia?

Com relação ao tabu, que a maioria classifica Depressão pós-parto como “frescura pós-parto”, como lutamos para isso acabar, em sua opinião?

A depressão pós-parto pode ser classificada como DOENÇA?

Para quem desconfia passar pela Depressão Pós-parto qual o passo a seguir?

- **Doula:** Perguntas a profissional responsável por acompanhar e dar apoio durante a gestação.

Qual a função da Doula para a gestante?

Como funciona o tratamento com a gestante, antes, durante e depois do parto?

Quais as vantagens em ter por perto o acompanhamento a Doula?

Com relação a Depressão Pós-parto, quais são os benefícios do acompanhamento com Doula?

APÊNDICE B – Pauta

Data: 11/09/2017

RETRANCA: USC/SAÚDE

Editoria: Saúde

Pauta: Documentário – Depressão Pós-parto

Data de publicação: 08/11/2017

Equipe: Redator /Repórter: Luana Karolina da Silva **Imagens:** Maysa Santos

TEMA: Videodocumentário – Depressão Pós-parto e seu verdadeiro peso social.

HISTÓRICO/SINOPSE:

A Depressão Pós-parto, é o transtorno psicológico após o nascimento do bebê, e embora o mundo tenha evoluído gradativamente e tecnologicamente, esse assunto ainda é um tema tabu na sociedade, pouco debatido nos meios jornalísticos, e com alto nível de relevância, segundo o canal de notícias Folha de São Paulo, uma em cada quatro mulheres tem depressão pós-parto.

E o videodocumentário tenta por meio de exposição audiovisual quebrar esses paradigmas implantados por uma sociedade desinformada do assunto, e então aumentar a visibilidade do assunto conforme a sua relevância.

ENFOQUE/ENCAMINHAMENTO:

Considerando que a depressão pós-parto é um assunto pouco debatido nas mídias de informações jornalísticas, e sua temática é de extrema relevância, o produto visa o aumento dessa visibilidade destacando seu real peso social.

Além disso, mostrar através das entrevistas a importância do apoio familiar e a procura por tratamento médico. Uma crônica baseada na realidade dará início ao filme não-ficcional, orientado o telespectador do que se trata, e destacando o quanto a falta de preocupação e compreensão para com esse assunto pode acarretar em graves problemas futuros.

SUGESTÕES:

Iniciar o filme não-ficcional com imagens de um quarto infantil, remetendo a falta da alegria de um bebe naquele espaço. Com letras corridas mostrar ao telespectador do que se trata o documentário e quem o produziu. Em seguida, a crônica dá início ao documentário, e assim por diante as histórias constroem uma narrativa cronológica.

FONTE 1:

HORÁRIO– SEG 11/09 15H

LOCAL CARREGA FOTOGRAFIA

ENDEREÇO: R. MAJOR MATHEUS, 479

PONTO DE REFERÊNCIA: IGREJA DO BAIRRO

ENTREVISTADO 1: Karina Novaes Maziero Teles

CONTATOS: 14 99676-3514

PROFISSÃO: Professora de primário

FONTE 2:

HORÁRIO– QUI 14/09 9H

LOCAL CARREGA FOTOGRAFIA

ENDEREÇO: R. MAJOR MATHEUS, 479

PONTO DE REFERÊNCIA: IGREJA DO BAIRRO

ENTREVISTADO 2: Jessica Amanda Vieira

CONTATOS: 14 99687-4110

PROFISSÃO: Profissional de estética

FONTES MÉDICAS 1

HORÁRIO– QUA 13/09 9H

LOCAL CONSULTÓRIO PARTICULAR

ENDEREÇO: R. Manoel da Silva, 280

Vila Carmelo

PONTO DE REFERÊNCIA: Av. unifac

ENTREVISTADO 1: Carolina Sasso

Psicóloga, especialista em arteterapia e Docência do Ensino Superior, pós-graduada em Sexualidade.

CONTATOS: 14 99754-2697

Email:

CRP 06/89691

FONTES MÉDICAS 2

HORÁRIO– SEX 20/10 16H

LOCAL CONSULTÓRIO PARTICULAR

ENDEREÇO: R. Tenente Silvio Besteti, 590

PONTO DE REFERÊNCIA: Vila dos médicos

ENTREVISTADO 2: Benedito Miranda

Psiquiatra, residência médica em psiquiatria.

Além disso, formação em psicanálise, e mestrado em psiquiatria pela USP

CONTATOS: 14 99607-4901

EMAIL:

FONTES MÉDICAS 3

HORÁRIO– QUA 11/10 14H

LOCAL CONSULTÓRIO PARTICULAR

ENDEREÇO: R. Matheus Giacoia, 141

PONTO DE REFERÊNCIA: unifac

ENTREVISTADO 3: Ana Carolina Nunes

Formação em Doula pelo GAMA, outubro-2015

Estudante de Enfermagem.

CONTATOS: 14 99779-1626

FONTES MÉDICAS 4

HORÁRIO– SEX 13/10 14H

LOCAL CONSULTÓRIO PARTICULAR

ENDEREÇO: R. Quintino bocaiuva, 612

PONTO DE REFERÊNCIA: Agroflora

ENTREVISTADO 4: Marcus Guazzelli

Ginecologista

Cirurgião Obstetra

Cirurgião Plástico

CONTATO: 14 3814-4406

EMAIL:

FONTE COMPLEMENTAR

HORÁRIO: SÁB 07/10

LOCAL: R. luiza de maceno pontes, 840

PONTO DE REFERÊNCIA: Pista de skate

ENTREVISTADO 1: Selma Regina Vieira

Mãe da Jessica

CONTATO: 14 99685-4385

LOCAL: Pombal - Portugal

PONTO DE REFERÊNCIA: Via celular

ENTREVISTADO 1: Cristine Alves

Mãe – Se mobilizou através das redes sociais para colaborar com outras mães.

CONTATO: +351 910 777 808

LOCAL: Amparo – São Paulo

PONTO DE REFERÊNCIA: Via celular

ENTREVISTADO 1: Elisângela Siqueira

Mãe e psicóloga, se mobilizou através das redes sociais colaborar com outras mães.

CONTATO: 19 99126 4559

APÊNDICE C – Roteiro do Documentário

	TITULO – Videodocumentário – Depressão Pós-parto e seu verdadeiro peso social.	TEMPO
	Roteiro – Luana Karolina	29:14

<p>GC- A crônica a seguir é baseada na realidade</p> <p>Segue a crônica Flash de pequenos trechos de vídeos</p> <p>Vídeo de quarto infantil – Segunda tela – GC: Documentário por Luana Karolina</p> <p>Terceira tela – GC: Depressão pós-parto</p> <p>ENTRA JESSICA <u>GC-Jessica Amanda</u> <u>Profissional de Estética</u></p> <p>ENTRA KARINA <u>GC – Karina Teles</u> <u>Professora</u></p> <p>ENTRA JESSICA</p> <p>ENTRA DR. BENEDITO GC- Benedito Miranda PSIQUIATRA</p>		<p>FUNDO PRETO LETRA ROSA</p> <p>COMEÇA COM DESFOQUE NA IMAGEM, CONFORME A HISTÓRIA SE DESEENROLA, O VÍDEO GANHA COR.</p> <p>(MÚSICA)</p> <p>(MÚSICA) – A LETRA DESCORRE SOBRE A IMAGEM</p> <p>SONORA JESSICA FALA SOBRE AS TENTATIVAS DE ENGRAVIDAR E O DESANIMO DO NEGATIVO</p> <p>SONORA KARINA FALA DE QUANDO SUA HISTÓRIA COMEÇOU E AS DIFICULDADES</p> <p>SONORA JESSICA FALA SOBRE O RESULTADO POSITIVO</p> <p>SONORA BENEDITO 13:21 – 13:31 FALA SOBRE A CARGA IMPOSTA A MÃE SEM ESTAR PREPARADA</p>
---	--	--

<p>ENTRA KARINA</p>	<p>SONORA KARINA 14:57 – 15:10 A DESCOBERTA</p>
<p>ENTRA DRA CAROLINA SASSO GC- Carolina Sasso PSICOLOGA</p>	<p>SONORA CAROLINA 00:03 – 1:05 FALA SOBRE O DIAGNÓSTICO</p>
<p>ENTRA JESSICA</p>	<p>SONORA JESSICA 06:40 – 06:44 AS DÚVIDAS E MEDOS</p>
<p>ENTRA DR. MARCUS GC- Marcus Guazzelli Ginecologista</p>	<p>SONORA MARCUS 00:42 – 01:13 SOBRE O IMPACTO DO PARTO PARA A MULHER</p>
<p>ENTRA KARINA</p>	<p>SONORA KARINA FALA SOBRE A PREPARAÇÃO PARA TER O BEBE</p>
<p>ENTRA JESSICA</p>	<p>SONORA JESSICA 07:30 – 07:43 SOBRE O STRESS DA GESTAÇÃO</p>
<p>ENTRA KARINA</p>	<p>SONORA KARINA 15:59 – 16:12 MOMENTO DO PARTO</p>
<p>ENTRA JESSICA</p>	<p>SONORA JESSICA 07:47 – 07:59 SOBRE AS MÁGOAS E A PREPARAÇÃO PARA O PARTO</p>
<p>ENTRA KARINA</p>	<p>SONORA KARINA 16:14 – 16:29 NO MOMENTO DO PARTO AS DÚVIDAS PERMANECIAM</p>
<p>ENTRA DR. MARCUS</p>	<p>SONORA MARCUS 01:44 – 3:02</p>

<p>ENTREVISTA JESSICA</p>	<p>SOBRE OS QUADROS DEPRESSIVOS APÓS O PARTO, E SOBRE A MULHER MODERNA E O ACESSO A INFORMAÇÃO</p> <p>SONORA JESSICA 08:08 – 09:56</p> <p>SOBRE A FALTA DA DOULA E O ROMPIMENTO DO TAMPÃO</p>
<p>ENTRA DR. MARCUS</p>	<p>SONORA MARCUS</p> <p>01:32 – 01:43</p> <p>DIFICULDADE DE AMAMENTAÇÃO</p>
<p>ENTRA KARINA</p>	<p>SONORA KARINA 16:32 – 16:50</p> <p>SOBRE O MOMENTO DE AMAMENTAÇÃO</p>
<p>ENTRA JESSICA</p>	<p>SONORA JESSICA 10:19 – 10:43</p> <p>A ESCOLHA POR DEIXAR TUDO NAS MÃOS DOS MÉDICOS POR JÁ ESTAR EM SEU LIMITE</p>
<p>ENTRA DR. CAROLINA SASSO</p>	<p>SONORA CAROLINA</p> <p>01:06 – 02:05</p> <p>SOBRE O DIAGNÓSTICO SER CLINICO</p>
<p>ENTRA JESSICA</p>	<p>SONORA JESSICA 10:55 – 11:18</p> <p>SE CULPOU DURANTE MUITO TEMPO POR CONTA DO PARTO</p>
<p>ENTRA KARINA</p>	<p>SONORA KARINA 17:13 – 17:28</p> <p>QUANDO FORAM PARA A CASA E COMEÇOU A LUTA</p>
<p>ENTRA CAROLINA SASSO</p>	<p>SONORA CAROLINA</p> <p>02:49 – 03-13</p> <p>SOBRE A INCOMPATIBILIDADE COM O AMBIENTE</p>

ENTRA KARINA		SONORA KARINA 26:39 – 27:07 MOMENTOS EM QUE ELA MAIS SE SENTIA MAL COMO POR EXEMPLO O HORÁRIO
ENTRA JESSICA		SONORA JESSICA 12:40 – 13:13 O TEMPO EM QUE FICOU AMARGURADA POR CONTA DO PARTO E O INÍCIO DA DEPRESSÃO
ENTRA KARINA		SONORA KARINA 18:21 – 19:06 CRENÇAS IMPOSTAS PELA SOCIEDADE
ENTRA JESSICA		SONORA JESSICA 13:20 – 13:25 A MUDANÇA DO CORPO
ENTRA KARINA		SONORA KARINA 19:37 – 20:03 ACHAVA QUE NADA VOLTARIA AO NORMAL DIAGNOSTICO DA DR PARA A DEPRESSÃO PÓS-PARTO
ENTRA CAROLINA SASSO		SONORA CAROLINA 11:54 – 12:39 FALA SOBRE A DEPRESSÃO PÓS PARTO SER CONSIDERADA COMO FRESCURA
ENTRA JESSICA		SONORA JESSICA 13:28 – 14:06 SOBRE A FLACIDEZ E A VOLTA AO TRABALHO APÓS O PARTO
ENTRA KARINA		SONORA KARINA 20:07 – 20: NÃO ACEITAÇÃO DA DEPRESSÃO PÓS-PARTO
ENTRA DR. MARCUS		SONORA MARCUS 04:00 – 04:28 FALA SOBREE OS SURTOS E OS CASOS DE INFANTICIDIO

ENTRA JESSICA	SONORA JESSICA 14:08 – 14:40 SOBRE AS ESTRIAS PÓS-PARTO
ENTRA KARINA	SONORA KARINA 20:20 – 20:46 A PREPARAÇÃO DE SI PROPRIA COM O TEMPO E A NÃO EXISTENCIA DA DEPRESSÃO PÓS- PARTO
ENTRA JESSICA	SONORA JESSICA 15:50 – 16:09 FICOU DEPRESSIVA E A MUDANÇA DO CORPO FOI DIFICIL DE ACEITAR
ENTRA KARINA	SONORA KARINA 21:01 – 21:40 SOBRE CHEGAR NO SEU MARIDO E DIZER QUE NÃO AMA SEU PROPRIO FILHO
ENTRA DR. BENEDITO	SONORA BENEDITO 14:15 – 15:07 OS PASSOS PARA PROCURA DE AJUDA E A CONQUISTA DA RECUPERAÇÃO
ENTRA JESSICA	SONORA JESSICA 16:15 – 16:29 SOBRE O PSICOLOGICO SER ABALADO POR ESSE ASSUNTO DELICADO E POUCO TRATADO
ENTRA DR. BENEDITO	SONORA BENEDITO 15:49 – 16:16 SEQUENCIA DE CUIDADOS PARA A RECUPERAÇÃO
ENTRA JESSICA	SONORA JESSICA 16:30 – 16:50 SOBRE A PRESSÃO DA SOCIEDADE SOBRE O CUIDADO DA MÃE CONSIGO MESMA E COM O BEBE
ENTRA KARINA	SONORA KARINA 27:23 – 27:32 SOBRE QUERER DESISTIR DO FILHO

<p><u>ENTRA DOULA</u> <u>GC – Ana Carolina Nunes</u> <u>DOULA</u></p> <p>ENTRA JESSICA</p> <p>ENTRA DR. BENEDITO</p> <p>ENTRA KARINA</p> <p>ENTRA JESSICA</p> <p>ENTRA KARINA</p> <p>ENTRA ANA CAROLINA DOULA</p> <p>ENTRA KARINA</p> <p>ENTRA JESSICA</p> <p>ENTRA KARINA</p>	<p>SONORA DOULA 10:57 – 11:09 NÃO SEI O PORQUE A CRIANÇA ESTA CHORANDO E NEM COMO AGIR SOBRE ISSO</p> <p>SONORA JESSICA 17:18 – 17:24 FALA SOBRE O REFLEXO DE MÃES QUE NÃO SABEM LIDAR COM A SITUAÇÃO</p> <p>SONORA BENEDITO 19:14 – 19:47 SOBRE O USO DE ANTEDEPRESSIVOS</p> <p>SONORA KARINA 27:38 – 27:49 SOBRE NÃO ADMITIR NÃO QUERER O PROPRIO FILHO</p> <p>SONORA JESSICA 18:43 – 19:17 SOBRE A TROCA DE EXPERIÊNCIA COM AS OUTRAS MÃES</p> <p>SONORA KARINA 29:00 – 29:14 QUESTIONA A SI MESMA SOBRE O AMOR PELO BEBE</p> <p>SONORA DOULA 10:13 – 10:57 A IMPORTANCIA DA DOULA PARA A MÃE</p> <p>SONORA KARINA 21:41 – 22:06 MOMENTO DE PROCURAR AJUDA</p> <p>SONORA JESSICA 21:11 – 21:17 O AUMENTO DA ANGUSTIA E O COMEÇO DE DEPRESSÃO</p> <p>SONORA KARINA 21:07 – 22:46 SOBRE COMEÇAR DO ZERO E REVER O QUE ESTAVA ACONTECENDO</p>
--	--

ENTRA JESSICA		SONORA JESSICA 21:23 – 21:37 É UM PROBLEMA INVOLUNTÁRIO TRATADO COMO FRESCURA
ENTRA KARINA		SONORA KARINA 22:55 – 22:57 SOBRE O AMOR PELO LUCAS
ENTRA JESSICA		SONORA JESSICA 21:37 – 22:07 HISTÓRICO DEPRESSIVO
ENTRA KARINA		SONORA KARINA 24:48 – 24:56 A AJUDA DOS FAMILIARES
ENTRA DR MARCUS GUAZZELLI		SONORA MARCUS 12:55 –13:30 OS MOTIVOS QUE PODEM EXACERBAR O PROBLEMA
ENTRA KARINA		SONORA KARINA 30:00 – 30:34 SOBRE O SENTIMENTO INESPERADO QUANDO O BEBE CHEGA
ENTRA JESSICA		SONORA JESSICA 24:57 – 25:15 O PODER DA MULHER QUANDO SE TORNA MÃE
ENTRA KARINA		SONORA KARINA 28:29 – 28:42 SOBRE SER VOCÊ MESMO PARA BUSCAR FORÇAS
ENTRA JESSICA		SONORA JESSICA 25:15 – 25:20 BUSCA ESPIRITUAL E AJUDA FAMILIAR
ENTRA DR. MARCUS GUAZZELLI		SONORA MARCUS 14:25 – 15:56 SOBRE NÃO CONSIDERAR O QUADRO MELANCOLICO UMA FRESCURA

<p>ENTRA JESSICA</p>	<p>SONORA JESSICA 29:20 – 29:34 A DEVOLUÇÃO DA VONTADE DE VIVER</p>
<p>ENTRA KARINA</p>	<p>SONORA KARINA 32:33 – 33:20 A RECUPERAÇÃO E O ENCARGO DA CULPA</p>
<p>ENTRA JESSICA</p>	<p>SONORA JESSICA 29:44 – 29:52 SOBRE A RECUPERAÇÃO</p>
<p>ENTRA DR. BENEDITO</p>	<p>SONORA BENEDITO 41:27 – 42:00 É IMPORTANTE QUE A PROPRIA MULHER SAIBA RECONHECER</p>
<p>ENTRA JESSICA</p>	<p>SONORA JESSICA 29:44 – 29:51 FALA SOBREA SUPERAÇÃO</p>
<p>ENTRA KARINA</p>	<p>SONORA KARINA 33:30 – 34:11 QUE AINDA NÃO SE RECUPEROU, PORÉM HOJE PODE AMAR O SEU FILHO MUITO MAIS.</p>
<p>SOBE O SOM APAGA IMAGEM</p>	
<p>ENTRA VIDEOS AMADORES VIA CELULAR CRISTINE ALVES GC- Cristine Alves Pombal, Lieria/ Portugal – via celular (GC COR AZUL PARA DIFERENCIAR)</p>	<p>CRISTINE (00:30) – (00:47) SOBRE NÃO SENTIR AFETO PELO BEBE E NÃO SE AMAR MAIS</p>
<p>ENTRA ELISÂNGELA GC- Elisângela Siqueira Amparo, São Paulo/Brasil – via celular</p>	<p>ELISANGELA 00:20 – 00:54 FALA QUE É PSICOLOGA E QUE TAMBÉM PASSOU POR ISSO</p>
<p>ENTRA CRISTINE ALVES</p>	<p>2:15 – 2:33 A PROCURA DE UM MÉDICO E OS SINTOMAS E REAÇÕES</p>

<p>ENTRA ELISÂNGELA SIQUEIRA</p>	<p>2:33 – 2:48 A PROCURA DA PSIQUIATRA E O USO DOS ANTIDEPRESSIVOS</p>
<p>ENTRA CRISTINE ALVES</p>	<p>5:35 – 5:52 SE SENTE MELHOR E OS SINTOMAS SUMIRAM E O AMOR PELOS FILHOS</p>
<p>ENTRA ELISÂNGELA SIQUEIRA</p>	<p>2:53- 3:06 QUESTIONA-SE DO PORQUE QUE AS PRÓPRIAS MULHERES NÃO INCENTIVAM UMAS AS OUTRAS</p>
<p>ENTRA CRISTINE ALVES</p>	<p>8:10 – 9:25 FALA SOBRE O ORGULHO QUE DEPOSITA EM SI MESMA.</p>

APÊNDICE D – A Crônica

(VOZ FEMININA)

Eu não quero te contar o meu nome agora, mas quero te contar uma experiência. Eu fui vítima da depressão pós-parto quando tinha 16 anos, para você pode parecer frescura, mas para mim foi a pior etapa que eu já enfrentei.

O motivo que eu desenvolvi a depressão não importa agora, o que importa é o que você pensa sobre ela. Eu não sei dizer que é frescura o dia em que olhei para meu filho e disse que não queria mais aquele ser pequenininho, como se eu tivesse chances de voltar atrás e apagar ele da minha vida.

Eu cuidava somente o necessário, sem trocas de carinhos e excessos, apenas trocava as fraldas uma vez ou outra, quando eu podia pegar no colo, a minha sogra tomava ele de mim e vivia dizendo “você só faz ele chorar”, a nossa casa tinha som de choro. O quarto do bebe não era meu cômodo preferido de jeito nenhum, a limpeza era precária, me refiro a tudo que você possa imaginar. Vaidade e amor-próprio já não faziam parte de mim.

Eu sei o que você está se perguntando, se eu amamenteei não é mesmo? Não eu não amamenteei, cuidava porque sabia da dependência dele sobre mim, mas é como se ele fosse de um desconhecido, e fosse culpado por tudo que estava acontecendo comigo. Ali notei que precisava de ajuda, que não era da minha família, claro. Venho de uma família bem conservadora, e quando engravidei fui colocada para fora de casa, isso contribuiu para a Depressão Pós-parto.

Quando procurei ajuda, sofri outra vez. “Relaxada, despreocupada, isso é frescura, não tem atitude de mãe”, eram as ofensas que eu ouvia todos os dias, o que pioravam a minha existência.

Sabia que alguém precisava de mim, mas não tinha interesse e nem disposição para ajudar.

Ter depressão pós-parto não quer dizer que está tudo perdido, mas quer dizer que você precisa de ajuda.

APÊNCIE E – Autorização de uso de imagem

Autorização de Uso de Imagem, Som de Voz e Nome

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo, a título gratuito, o uso de minha imagem, som da minha voz e nome por mim revelados em depoimento pessoal concedido e, além de todo e qualquer material entre fotos e documentos por mim apresentados, para compor o(a) "VIDEO DOCUMENTÁRIO: DEPRESSÃO PÓS-PARTO E SEU VERDADEIRO PESO SOCIAL" desenvolvido(a) por LUANA KAROLINA DA SILVA, 433.702.348-82/44.347.857-0, como trabalho de Conclusão de Curso do curso de Jornalismo da Universidade do Sagrado Coração com sede em Bauru/SP, na Rua Irmã Arminda, nº 10-50, Jardim Brasil, CEP: 17011-160, inscrita no CNPJ/MF sob o nº 61.015.087/0008-31. E que estas sejam destinadas à divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico das monografias da instituição, com fins didático-pedagógicos, por tempo indeterminado e sem limitação territorial.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, podcasts, *videos* e filmes para televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão, entre outros), Internet, Redes Sociais Digitais, Banco de Dados Informatizado *Multimídia*, "home video", DVD ("digital video disc"), suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento e formação de acervo sem qualquer ônus a USC ou terceiros por esses expressamente autorizados.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

, ____ de _____ de 2017.

Assinatura

Nome:
Endereço:
Cidade:
RG N°:
CPF N°:
Telefone para contato:
E-mail:

APÊNDICE F – E-MAIL COM DR. MARCUS GUAZZELLI

Questões - Depressão Pós-parto



Luana Karolina da Silva

qua 11/10, 09:54

gmconsultorio1@hotmail.com



Responder | v

1. Em qual estagio de reações eu posso dar nome a Depressão Pós-parto?
2. Até quanto tempo após o parto ainda é considerado Depressão Pós-parto? (por exemplo: se uma mãe desenvolver a DPP e o bebe tiver 3 anos, isso é DPP?)
3. Qual é o diagnostico médico, a DPP pode ser classificada como doença?
4. Esse tabu que envolve a DPP, taxando-a como frescura é muito curioso, e o Dr. como médico vê um fim para esse problema?
5. Qual é o melhor caminho para as mães que estão enfrentando a DPP?
6. Qual a diferença do Baby Blues para a Depressão Pós-parto?
7. Se os pensamentos de infanticídio me incomodam por conta de DPP, o que devo fazer?

Dr.

Primeiramente muito obrigado por se prontificar a minha pesquisa, caso haja alguma questão que o sr. julgue importante, uma vez que eu desconheço o lado clinico, pode ressaltar em nossa entrevista, sem problemas nenhum.

Obrigado, até sexta.

APÊNDICE G – Mídia

**“DEPRESSÃO PÓS-PARTO: UM
VIDEODOCUMENTÁRIO DE SUPERAÇÃO EM FORMA
DE AMOR”**

está disponível no endereço eletrônico :